
Menires do Alto Algarve oriental: Lavajo I e Lavajo II (Alcoutim)¹

JOÃO LUÍS CARDOSO²
JOÃO CARLOS CANINAS
ALEXANDRA GRADIM
A. DO NASCIMENTO JOAQUIM

R E S U M O

Neste trabalho apresenta-se o resultado das escavações realizadas respectivamente em 1998 e em 2001 nos núcleos de menires de Lavajo I e de Lavajo II, distanciados cerca de 250 m na direcção NNE e separados pelo pequeno vale do Lavajo. Os locais, actualmente, são intervisíveis, graças à implantação destacada no terreno: Lavajo I situa-se no topo de colina enquanto Lavajo II ocupa a linha de fecho de uma encosta, conferindo ao local visibilidade tanto do lado sul como do lado norte.

O conjunto de Lavajo I é constituído actualmente por três monólitos, todos de grauvaque: um, quase inteiro, de tendência fálca, é actualmente o maior menir de grauvaque conhecido em território português, atingindo o comprimento máximo de 3,14 m; outro, quase completo, fragmentado em três grandes blocos, possui formato estelar; o restante apresenta-se muito incompleto, dele se conservando apenas uma lasca da sua face frontal. É crível, no entanto, que pudessem existir mais monólitos, tendo em conta os abundantes fragmentos de grauvaque ali observados, quase todos com fracturas frescas. Todos os menires de Lavajo I se apresentam decorados, com destaque para o maior deles, o qual exhibe complexa decoração estreitamente relacionada com a morfologia do suporte lítico. Apenas para este foi possível determinar o local de implantação, correspondente a um alvéolo de planta circular e fundo aplanado, parcialmente danificado pelos trabalhos realizados em 1994, que conduziram ao seu reerguimento, infelizmente feito de forma pouco cuidada e incorrecta, visto ter sido colocado no terreno em posição invertida. Seja como for, na zona culminante daquele pequeno cabeço, implantaram-se três menires decorados, os quais não podem ser vistos isoladamente, já que se articulariam directamente com o conjunto de Lavajo II, que se avista ao longe, do outro lado do pequeno vale do Lavajo e na linha de fecho da encosta, da qual ocupa a parte média.

Neste segundo local, identificaram-se quatro estelas-menir não decoradas, todas de grauvaque, das quais apenas uma, representada por fragmento de pequenas dimensões, se encontrava *in situ*. Foi, no entanto, possível reconstituir a posição relativa das restantes, através da escavação integral do respectivo alvéolo, correspondente a rasgo alongado, orientado Este-Oeste, aberto no substrato geológico, constituído por xistos do Carbónico Superior finamente folheados. Deste modo, é de concluir que as estelas menir se dispunham em

linha, constituindo um painel lítico contínuo. No interior do alvéolo, recolheram-se diversos artefactos ali ritualmente depositados aquando da fundação do monumento, cuja tipologia indica o Neolítico Final, cronologia aliás compatível com a do conjunto megalítico de Lavajo I, tendo presente a iconografia patente nos menires.

Muito embora não se conheça ainda suficientemente o padrão de povoamento da região no Neolítico Final, estes dois núcleos megalíticos podem ser interpretados como marcadores de territórios e/ou de espaços sagrados, sendo de destacar a existência, durante todo o ano, de água nas proximidades imediatas, recurso escasso e precioso, que propiciaria a horticultura. Por outro lado, a natureza das matérias-primas utilizadas na confecção dos artefactos encontrados (sílex, anfíbolito), para além de outros materiais de circulação trans-regional muito mais alargada (fibrolite), evidencia a forte interacção destas populações tanto com o interior do Baixo Alentejo (Zona de Ossa/Morena), como com o litoral algarvio ou andaluz, compatível com estágio de desenvolvimento económico do final do Neolítico do sul peninsular.

Numa vasta região, correspondente a todo o sotavento algarvio, onde o megalitismo não funerário era até agora totalmente desconhecido, os testemunhos ora estudados constituem, doravante, uma das expressões mais interessantes e significativas do Sudoeste peninsular.

A B S T R A C T

In this article, we present the results of excavations conducted in 1998 and 2001 in the nucleus of menhirs of Lavajo I and Lavajo II, respectively, located 250 m from each other in the NNE direction and separated by the small valley of Lavajo. At present, the sites are intervisible, owing to the strategic location on the terrain: Lavajo I is situated on the top of a hill while Lavajo II is located on a slope, conferring visibility to the location both on the south as well as on the north side.

Currently, Lavajo I is made up of three monoliths, all of greywacke: one, almost complete, of a phallic appearance, and currently the largest greywacke menhir known in Portugal, reaching a maximum length of 3,14 m; another, almost complete, broken in three large blocks, with a stela-like appearance; the third, very incomplete, of which is preserved only a piece of its front side. It is possible, however, that there once were more monoliths, considering that abundant fragments of greywacke were found at the site, all with fresh fractures. All the menhirs of Lavajo I are decorated, with the largest one decorated prominently and strictly related to the morphology of the lithic support. This was the only one it was possible to determine its original location, which corresponded to a small pit of circular plan and flat bottom. The pit was partially damaged by work carried out in 1994 to re-erect the menhir, which was unfortunately conducted with little care and incorrectly, as it was placed in reverse position. Be that as it may, in the highest zone of this small hill were placed three decorated menhirs, which cannot be seen in isolation as they articulated directly with the group at Lavajo II, which can be seen from the other side of the Lavajo valley.

In this second location, four undecorated stela-menhirs, all of greywacke, were discovered, of which only one, represented by a small fragment, was found *in situ*. It was, nevertheless, possible to reconstruct the relative positions of the remaining ones, through the excavation of their respective sockets, associated with an elongated groove, oriented east-west, and cut into the bedrock made up of finely foliated Late Carboniferous schists. In this way, we concluded that the stela-menhirs were arranged in a line and constituted a continuous lithic panel. Within the pitholes were recovered diverse artifacts ritually placed there during the construction of the monument, whose typology points to the Late Neolithic and

whose chronology is compatible with that of the megalithic group at Lavajo I, based on the iconography of the menhirs.

Although the settlement pattern of the Late Neolithic in the region is not well-known, these two megalithic nuclei could be interpreted as territorial markers and/or sacred spaces; of note is the existence of year-round water sources in their immediate proximity, water being a scarce and precious resource which would have aided in horticulture. On the other hand, the nature of the raw materials used in the manufacture of artifacts found (flint, amphibolite), in addition to other material acquired through extensive transregional trade (fibrolite), is evidence for regular interaction between populations in both the interior of the Baixo Alentejo (Ossa/Morena Zone), as well as along the Algarve or Andalucian coast, consistent with the level of economic development of the Late Neolithic of the southern Iberian Peninsula.

In a vast region, corresponding to the entire Eastern Algarve, where non-funerary megaliths were until now totally unknown, the sites of Lavajo I and II are interesting and significant expressions of the South western Iberian megalithism.

1. Antecedentes

A visita de António do Nascimento Joaquim, no Verão de 1992, a local que conhecia de infância e onde se lembrava de ter visto uma grande pedra tombada, levou-o a admitir a hipótese de se tratar de um menir, tomando então a iniciativa de contactar o primeiro signatário. Em visita ao local, feita na companhia do descobridor e do Arq. M. Varela Gomes, convidado na qualidade de arqueólogo que se vinha dedicando ao estudo dos menires do barlavento algarvio, constatou-se o efectivo interesse arqueológico do monólito: tratava-se de facto de um grande menir de grauvaque, rocha disponível no local.

O monumento encontrava-se tombado sobre um dos lados maiores, o qual não se apresentava decorado. Junto, observavam-se lajes dispostas de cutelo, as quais se admitiu fazerem parte da estrutura de fixação. A situação de se tratar do primeiro menir identificado em toda a vasta região do sotavento algarvio, a que acrescia o facto de ser o maior do território português talhado em grauvaque, justificou a sua publicação preliminar, nela se acrescentando que era propósito dos autores prosseguirem as investigações através de escavações no local, até porque a algumas dezenas de metros depararam com uma estrutura que lhes pareceu uma sepultura megalítica cistóide (Gomes, Cardoso e Joaquim, 1992).

Entretanto, ocorreram importantes movimentações de terras no local, nos inícios de 1994, com prejuízo do monólito, então deslocado da posição anterior. Face a tal situação, a Doutora Helena Catarino, arqueóloga que vinha desenvolvendo há anos escavações em estações de época islâmica do concelho de Alcoutim, tomou a iniciativa de repor o menir na vertical, com o apoio de maquinaria cedida para o efeito e a colaboração de colegas seus, acção que foi prontamente concretizada. Tratava-se, porém, de uma intervenção arqueológica não autorizada superiormente e que, apesar da urgência invocada, não eliminava a prioridade científica dos autores supra citados; em Abril de 1994, estes confirmaram o seu interesse em prosseguirem os trabalhos, através da apresentação do respectivo pedido de autorização, ao IPPAR, o qual foi deferido apenas em Maio de 1995. Na sequência desta autorização, foi programada uma intervenção para a escavação da zona adjacente à da implantação do menir e solicitado o apoio logístico e financeiro à Câmara Municipal de Alcoutim a qual, em Maio de 1997, respondeu favoravelmente.

Entretanto, tendo o Arq. M. Varela Gomes comunicado à autarquia a sua indisponibilidade em colaborar nos referidos trabalhos, nos termos em que estes foram definidos na proposta apresentada, foi o primeiro signatário convidado a dirigir a execução desta intervenção arqueológica, por ofício do Presidente da Câmara Municipal de Alcoutim, de Julho de 1998. Face a esta situação, foi requerida e obtida pelo primeiro signatário nova autorização, já por parte do IPA, em Agosto de 1998, de modo a permitir, a curto prazo, a concretização das escavações, as quais se vieram efectivamente a realizar em Setembro de 1998, sob sua direcção, seis anos volvidos após a primeira visita ao local.

Participaram na campanha de escavações no conjunto megalítico de Lavajo I – que envolveu, também, o levantamento gráfico da face decorada do menir, descoberta aquando do seu reerguimento, em 1994 e a investigação do que se admitia então ser um sepulcro megalítico cistóide, situado muito próximo, mas que se verificou, no decurso de curta intervenção, não ser mais do que um abrigo de pastor – os seguintes elementos, além do primeiro signatário: Doutor António do Nascimento Joaquim, natural da vizinha aldeia (“monte”, na terminologia local) de Afonso Vicente, e autor da descoberta; Eng. João Carlos Pires Caninas; Dra. Alexandra Gradim, Técnica Superior da área da Arqueologia da Câmara Municipal de Alcoutim; e Fernando José Estêvão Dias, Técnico de Arqueologia da referida Autarquia, além de jovens voluntários de Alcoutim.

Entretanto, dos contactos do primeiro signatário com a Doutora H. Catarino, resultou a comunicação, por parte desta, da existência, na encosta do pequeno outeiro fronteiro ao do menir, do outro lado do vale do Lavajo, de uma estela que interessaria também investigar. Confirmada a sua existência, considerou-se que estes dois núcleos deveriam ser objecto de estudo conjunto. Deste modo, o primeiro signatário obteve autorização para esta nova exploração arqueológica, em Novembro de 2000, a qual foi confirmada em Maio de 2001, atendendo à impossibilidade daquela se ter efectuado na data prevista, dado o mau tempo que se fez sentir por todo o País no Inverno de 2000. A realização, em Junho de 2001, das escavações no segundo núcleo megalítico, denominado Lavajo II, foi, igualmente, por si dirigida, tendo contado com a colaboração da Dr^a. Alexandra Gradim e de Fernando Estêvão, e, novamente, de jovens de Alcoutim.

O levantamento gráfico da superfície insculturada do menir já conhecido, bem como dos restantes, que integram o conjunto de Lavajo I foi realizada pelo primeiro signatário e J. C. Caninas; os desenhos de campo da área escavada em Lavajo I e Lavajo II e dos monólitos de Lavajo II são da autoria de F. Estêvão e de A. Gradim; as respectivas tintagens, bem como os desenhos de todas as peças arqueológicas exumadas, devem-se a Bernardo L. Ferreira.

Deste modo, o presente estudo refere-se à escavação de dois núcleos megalíticos, seguramente interrelacionados entre si, feita em distintos momentos, a saber, a segunda semana de Setembro de 1998 e a terceira semana de Junho de 2001.

Cumprе, neste trabalho, deixar expressos os agradecimentos devidos à Câmara Municipal de Alcoutim na pessoa do seu Presidente, Dr. Francisco Amaral, bem como na do Senhor Vereador da Cultura, por todos os apoios que possibilitaram a realização dos trabalhos de campo, incluindo, em tal agradecimento, os técnicos da Autarquia supra referidos e todos os jovens que, empenhadamente, colaboraram nos trabalhos.

De registar ainda a colaboração dos Bombeiros Voluntários de Alcoutim, que cederam pessoal e equipamento no âmbito da realização de uma sessão de fotografia nocturna no conjunto de Lavajo I.

2. Lavajo I

2.1. Trabalhos realizados e resultados obtidos

O grande menir de Lavajo I, aquando do seu reerguimento realizado em 1994, ainda que incorrectamente, pois foi colocado invertidamente no terreno, verificou-se possuir uma das faces decoradas (Fig. 1); deste modo, era prioritária a execução do respectivo registo gráfico; por outro lado, importava proceder a escavação na área adjacente ao local de implantação do menir — que nada garantia à partida fosse o primitivo, como depois se verificou — tendo em vista a identificação de estruturas anexas, ou da própria estrutura de fundação deste. Com efeito, a sua existência era sugerida por diversos blocos, alguns fixados de cutelo, observados aquando da primeira visita em 1992 e entretanto desaparecidos. Assim, os trabalhos desenvolveram-se simultaneamente, dando cumprimento àqueles dois objectivos. No respeitante ao primeiro, foi utilizado plástico cristal, sobre o qual se decalcaram os motivos insculturados nele existentes; o original assim obtido, à escala natural, foi ulteriormente reduzido e tintado, depois de confirmado em pormenor, mediante os registos obtidos em sessão fotográfica nocturna.

Quanto à escavação do terreno adjacente, a decapagem da camada de solo superficial, feita em dois rectângulos paralelos, abertos de ambos os lados do menir (Figs. 1, 2) permitiu verificar que o substrato geológico, constituído por xistos do Carbónico Superior, finamente folheados (fácies *flysch*) era ali sub-aflorante, não se verificando a existência de qualquer depósito ou estrutura, a não ser uma quase insensível depressão, que constituiria o fundo do alvéolo de fixação de um dos dois outros monólitos que coroavam o topo do cabeço, adiante referidos em pormenor. No fundo dessa pequena depressão, encontrou-se minúsculo bordo de recipiente liso, não espessado, pertencente a taça ou a pequeno esférico (Fig. 12, n.º 2).

Na zona onde se implantou em 1994 o grande menir, a escavação foi aprofundada do lado Norte, pois importava averiguar se ainda se conservavam restos da estrutura de fixação original observada em 1992, já que, do lado oposto, o substrato geológico aflorava até junto do menir. Com risco de provocar o tombamento do grande monólito e, com ele, um grave acidente, o aprofundamento da escavação ultrapassou, em resultados, muito do que à partida se imaginava. Com efeito,



Fig. 1 O grande menir de Lavajo I (menir n.º 3), tal como foi fixado no terreno em 1994. Em primeiro plano, observa-se o sector sul da área escavada, evidenciando-se a superfície regular dos xistos do Carbónico Superior, sub-aflorantes. Junto da escala, a pequena depressão que forneceu um fragmento de vaso esférico (Fig. 12, n.º 2) e que poderia corresponder ao fundo do alvéolo de fundação de outro menir.



Fig. 3 Vista parcial da área norte da escavação de Lavajo I. Do lado esquerdo, o grande menir fixado verticalmente em 1994, com a ajuda de calços de grauvaque, correspondentes a pedaços de outros menires. Este dispositivo foi reforçado com um grande fragmento de menir insculturado com "covichas", visíveis na imagem, o qual se verificou pertencer ao menir n.º 2 (Fig. 6, 7), utilizado como travamento. Em segundo plano, fragmento tabular da parte frontal de outro menir, o n.º 1 (Fig. 4, 7), tal como jazia quando foi encontrado, no meio das terras remexidas.



Fig. 4 O menir n.º 1 de Lavajo I, representado pela sua parte frontal (trata-se possivelmente de uma estela menir). Observa-se uma circunferência, a picotado, extensivo a toda a superfície da parte conservada.

logo a pequena profundidade, se deparou com um grande fragmento decorado com um círculo feito a picotado (Figs. 3, 4, 7), o qual evidenciava, pela fractura fresca, ter sido recentemente destacado de um menir semelhante ao já conhecido; o seu aspecto tabular faz admitir que pertença à parte frontal de um monólito, talvez uma estela menir, cujas dimensões originais se desconhecem; contudo, a grande quantidade de blocos de grauvaque utilizados como calços do grande menir no local, todos com fracturas frescas, conduz à hipótese de resultarem da destruição de uma única peça, que teria dimensões semelhantes à do exemplar intacto. Ao lado deste fragmento de menir, e disposto transversalmente à fossa executada em 1994, com a pá da máquina utilizada de modo a garantir o travamento do enchimento, encontrou-se, pouco depois, outro fragmento de menir decorado (Fig. 3), o qual, como se irá adiante verificar, pertence a um terceiro monólito, também até então desconhecido, e que foi integralmente por nós reconstituído (Figs. 6, 8). Uma vez removidos os dois fragmentos aludidos, verificou-se que o segundo assentava em parte sobre o primitivo alvéolo de fixação, distanciando cerca de um metro do local onde se implantou o menir em 1994. Trata-se de depressão arredondada, com cerca de 0,70 m de diâmetro máximo e fundo aplanado, aberta no substrato xistoso (Figs. 2, 5). Nas Figs. 3 e 5, são bem visíveis diversos fragmentos de grauvaque, de menires partidos ou não intencionalmente, colocados de cutelo junto à base do grande menir, preenchendo o rasgo executado mecanicamente para a sua fixação.

Em suma, a escavação do lado norte do menir evidenciou o modo apressado e descuidado com que se procedeu à sua erecção em 1994: não só se utilizaram fragmentos de menires decorados na sua sustentação, com fracturas frescas, como não se registou a estrutura de fundação ainda eventualmente existente, nem mesmo a fossa que dela fazia parte integrante, felizmente não totalmente destruída pela máquina, como tivemos ocasião de verificar. Por último, o próprio menir foi colocado invertidamente no terreno, situação que, naturalmente, se deverá imputar, ao modo clandestino que revestiu a realização desta operação; tudo foi feito precipitadamente, sem preocupações científicas, ficando a ideia de que apenas importava colocar, de qualquer maneira, o monólito de pé, sem quaisquer outras preocupações, exigíveis na mais elementar intervenção arqueológica.

Dos dois fragmentos de menir recolhidos na escavação, um deles, já atrás referido (Figs. 4, 7), de formato tabular, pode observar-se no núcleo arqueológico do castelo de Alcoutim. O segundo fragmento, igualmente partido de fresco, pertence a outro menir, reconstituído na sua quase totalidade, a partir de mais dois fragmentos abandonados nas proximidades (Figs. 6, 8); conserva-se no interior da vedação mandada colocar pela Câmara Municipal de Alcoutim em torno do menir erguido. Trata-se de um menir longo e aplanado, que justifica a designação de estela-menir, com uma das faces afeiçoada por picotado e coberta de inúmeras “cavinhas”, produzidas por picotado a que se seguiu, nalguns casos, a sua regularização por abrasão rotativa.

No contexto descrito, avulta, naturalmente, a iconografia patente no grande menir (Figs. 9-11). O programa decorativo é constituído por sulcos verticais, “cavinhas” e diversas formas geométricas (circunferências, “ferraduras”) e antropomórficas, organizadas de diversos modos.

A impressão geral que se tem quando se observa o conjunto é que se pretendeu articular a morfologia do monólito com a disposição decorativa. Com efeito, é no sentido do alongamento da peça e sobre uma espécie de toro, volumoso e proeminente, que a percorre longitudinalmente, que se observa um sulco, largo e pouco profundo, obtido por picotado seguido de abrasão, o qual se encontra pontuado, no seu interior, por sucessivas “cavinhas”, também obtidas pela mesma técnica (picotado seguido de abrasão). Este sulco central constitui o eixo de toda a organização decorativa, e o seu desenvolvimento encontra-se acompanhado lateralmente de dois outros sulcos, mas de comprimento menor, igualmente pontuados de “cavinhas”.



Fig. 5 Pormenor do sector norte da escavação de Lavajo I. Em primeiro plano, o alvéolo de fundação original do grande menir, de fundo aplanado, escavado nos xistos do Carbónico sub-aflorantes, sobre o qual se colocou, em posição transversal, o fragmento do menir n.º 2 (ver Fig. 3). A partir do alvéolo, rasgou-se, com pá mecânica, um roço para a fixação do menir, em 1991, com a ajuda de pedaços de grauvaque, pertencentes a outros menires.



Fig. 6 O menir n.º 2 de Lavajo I, reconstituído a partir de três fragmentos dispersos, um deles correspondente ao da Fig. 3, utilizado em 1994 como travamento da fundação do grande menir.

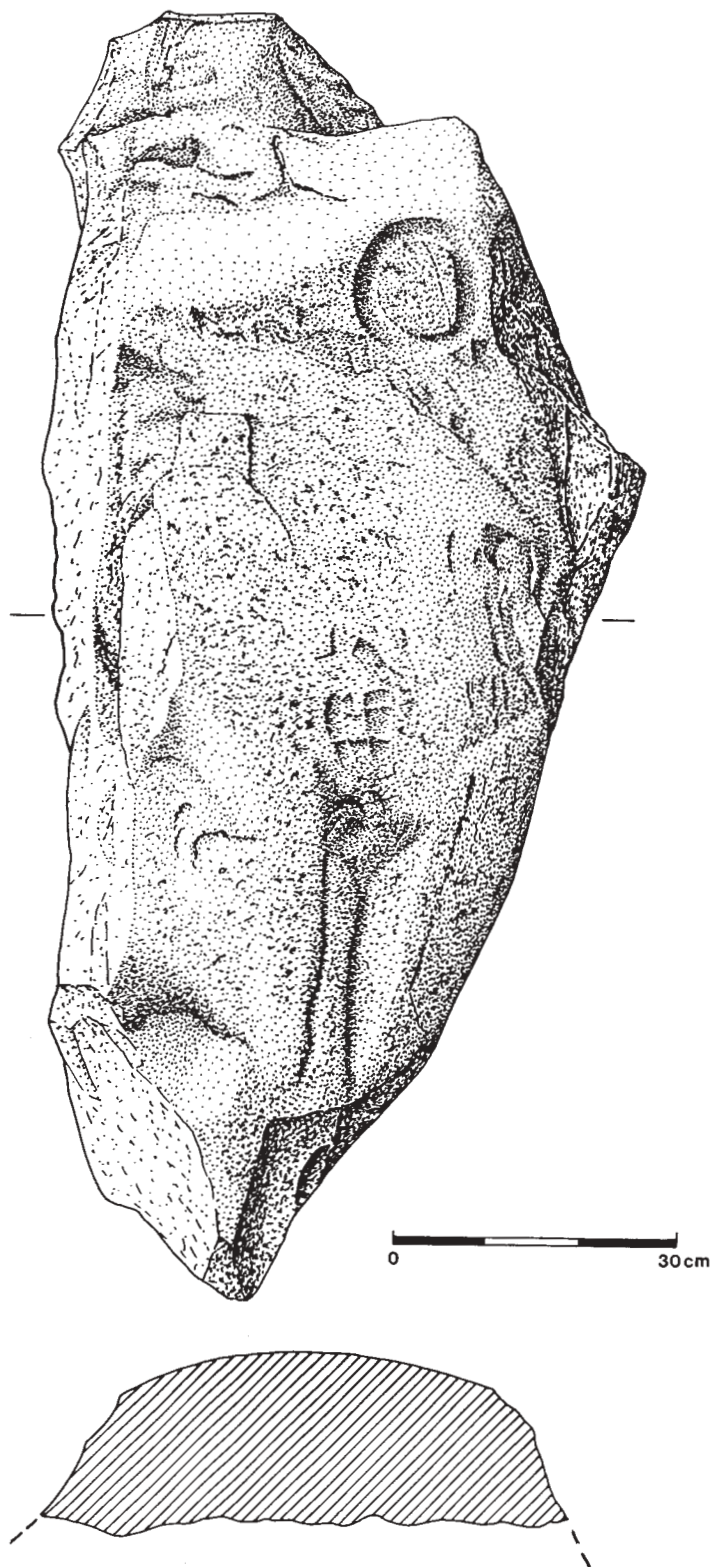


Fig. 7 Levantamento gráfico do menir n.º 1 de Lavajo I (fragmentado).

Tendo em conta que o monólito se encontra implantado de maneira invertida no terreno, verifica-se que na extremidade outrora enterrada, existem alguns motivos os quais, então, por tal motivo, não seriam visíveis: é o caso de diversas “cavinhas”, de grandes dimensões, dispostas sem ordem aparente, de “ferraduras” e de circunferências com representação punctiforme no centro. Ainda no limiar da zona presumivelmente enterrada, observa-se, de um dos lados, um alinhamento vertical de quatro pequeninas “cavinhas”, motivo que se repete na parte mesial do monólito, e de ambos os lados do sulco central com respectivamente, seis e cinco “cavinhas”.

Pouco acima do que se admite fosse a linha de implantação no terreno, o monólito ostenta dois símbolos antropomórficos, ambos de características sexuais presumivelmente femininas. De um dos lados, observa-se um triângulo isósceles, cuja base, em posição horizontal, se apresenta interrompida por curto traço vertical. O vértice oposto do triângulo, por seu turno, parece corresponder ao centro de uma circunferência radiada, a qual só muito dificilmente se observa (no caso, tal foi apenas possível com luz rasante (Fig. 11).

Do lado oposto, observa-se um outro motivo a que se atribui igualmente carácter sexual: trata-se de uma elipse interiormente septada ao longo do eixo maior, associada a cruciforme, que se situa numa das suas extremidades (originalmente a inferior) (Figs. 9, 10).

De referir, ainda, a existência de conjuntos radiantes de pequenos segmentos, perpendiculares ao sulco central principal e de ambos os lados deste, observáveis na parte média do monólito. (Figs. 9, 10)

Todos estes motivos, com excepção do sulco longitudinal e de algumas cavinhas de maiores dimensões, produzidas por picotado seguido de abrasão, foram obtidos exclusivamente por picotado, sendo evidentes as marcas punctiformes dos respectivos impactos, talvez com recurso a “picos” de quartzo filoneano, matéria-prima que se encontra localmente disponível.

Como materiais arqueológicos, para além do pequeno fragmento cerâmico supra referido, recolheu-se apenas, nas terras de revolvimento e portanto desprovida de contexto, uma bela enxada de anfibolito com o gume intacto, por certo relacionada com as práticas rituais realizadas no local (Fig. 12, n.º 1).

2.2. Paralelos decorativos

Os dois monólitos fragmentados insculturados descobertos em 1998 são os de mais simples abordagem, em virtude da singeleza dos motivos decorativos que ostentam, o que não quer dizer que a discussão sobre os mesmos não encerre profundas insuficiências, de momento inultrapassáveis. Com efeito, o grande fragmento (menir n.º 1), ostentando afeiçoamento e uma grande circunferência a picotado (Figs. 4 e 7), inscreve-se dentro da arte esquemática do ocidente peninsular, cuja cronologia, à falta de melhores provas, se tem situado entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze, ou, em termos de cronologia absoluta, entre os finais do IV milénio AC e os meados do II milénio AC. Cronologias mais específicas foram tentadas em alguns locais, como o Complexo de Arte Rupestre do vale do Tejo, onde se observou, com base na análise estilística das respectivas manifestações artísticas, segundo os dois autores que sobre ele mais se têm debruçado (A. M. Baptista e M. V. Gomes), uma sequência evolutiva. No entanto, a evolução defendida por cada um deles é diferente. Assim, para A. M. Baptista, a tipologia das figuras geométricas, como a espiral, presentes em diversas culturas cronologicamente e geograficamente muito afastadas, são símbolos “cuja larga expansão mediterrânica e atlântica não é passível da redução difusionista por muito tempo defendida por velhos orientalistas” (Baptista, 1981, p. 39); na arte do Tejo, é um dos moti-

vos mais típicos dos seus momentos finais, representados pela sua Fase III. É justamente nesta fase, claramente geométrica e esquemática, no entender daquele arqueólogo, que pontificam os “círculos” simples (ou antes, “circunferências”, querendo ser rigoroso na terminologia) — presentes já na Fase II — e seus derivados, “círculos” concêntricos com o centro assinalado por punctiforme, além de outras figuras geométricas, admitindo-se mesmo, “que tenha, a partir de certo momento, substituído a espiral no tipo de associação especialmente com zoomorfos” (Baptista, 1981, p. 41).

Na estação do Cachão do Algarve, a associação da circunferência a uma figura humana, de que constitui o ventre — tendo sido interpretada por A. M. Baptista, por essa razão, como muito possivelmente feminina — coloca a questão do significado simbólico deste motivo geométrico, tema que, naturalmente, não será agora objecto de discussão, sem deixar, contudo, de se referir que é frequente a sua conotação com representações astrais.

O referido autor apresenta, para a fase III da rocha F-155, onde estão presentes as circunferências, uma cronologia já do Bronze Pleno, o que naturalmente não implica que todas as figuras deste tipo, presentes nas restantes rochas das diversas estações do complexo, sejam dessa época. Com efeito, em 1978, o mesmo autor, com Manuela Martins, discutindo o faseamento das insculpturas da estação de São Simão, pertencente também ao complexo do Tejo, e onde se reconheceram 562 circunferências simples, correspondentes a 37,3% das representações identificadas, integraram-nas na Fase III, a qual, conjuntamente com a Fase II, foi correlacionada com a cultura megalítica alentejana, a qual, como é sabido, se inscreve essencialmente no Neolítico Médio e Final, e que os próprios autores situam, no trabalho referido, com *terminus* cerca de 2500 a.C. (Baptista, Martins e Serrão, 1978). Ora, esta conclusão encontra-se em pleno desacordo com a cronologia apontada por M. V. Gomes para o seu período dos “círculos e linhas” da arte do vale do Tejo, o qual se incluiria já na Idade do Ferro, descendo a sua cronologia até à época de Cristo (Gomes, 1990, p. 172).

No entanto, a iconografia da chamada “arte megalítica” a realidade parece dar razão à cronologia apontada por A. M. Baptista e M. Martins para a última fase de S. Simão, onde, como se viu, pontificam as circunferências simples. Tal iconografia é, com efeito, compatível, com as representações esquemáticas patentes na estela-menir do Monte da Ribeira, Reguengos de Monsaraz — que, segundo os autores que a publicaram, se situará no último quartel do IV milénio a.C., ou na transição para o milénio seguinte — época em que ocorrem, até com abundância, as circunferências com centro ocupado por punctiforme, para além de outros motivos geométricos (Gonçalves, Balbín Behrmann e Bueno Ramírez, 1997).

É frequente a presença de circunferências gravadas em outros monólitos alentejanos do distrito de Évora, frequentemente associados a “covinhas” (Gomes, 1994); mais raramente, aquela figura aparece em alto-relevo, como no menir de Vidigueiras, associada a um “báculo”, também em alto-relevo (Gomes, 1997).

A estela-menir n.º 2 (Figs. 6 e 8), oferece uma temática também pouco característica. Com efeito, representações de “covinhas” dispostas aleatoriamente, como as observadas no monólito em apreço em parte da superfície de uma das faces maiores, podem ter sido feitas ao longo de milénios, com intuítos hoje difíceis de vislumbrar. Crê-se, todavia, que a sua presença em certos monumentos megalíticos esteja directamente relacionada com a sua utilização primária.

Assim, um dos dois menires implantados na periferia do dólmen da Granja de São Pedro, Idanha-a-Velha, possuía um dos lados profusamente insculptado com tais elementos, de várias dimensões (Almeida e Ferreira, 1970, Est. II, fig. 1), os quais, segundo os mesmos autores, são extensivos a alguns dos esteios do monumento. A observação da fotografia publicada sugere que as “covinhas” se desenvolviam alinhadas segundo o próprio alongamento do monólito. Ainda

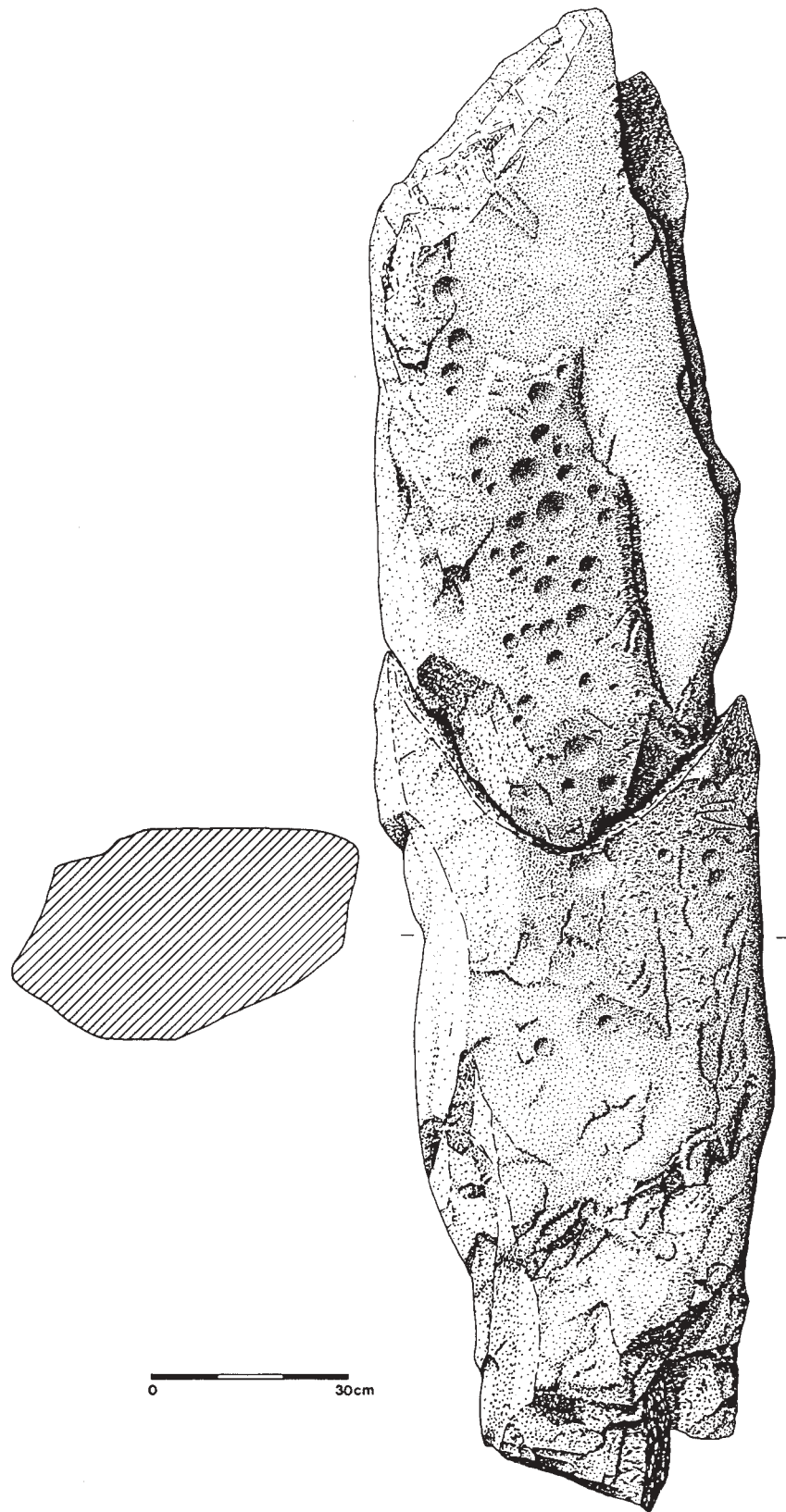


Fig. 8 Levantamento gráfico da estela-menir n.º 2 de Lavajo I.

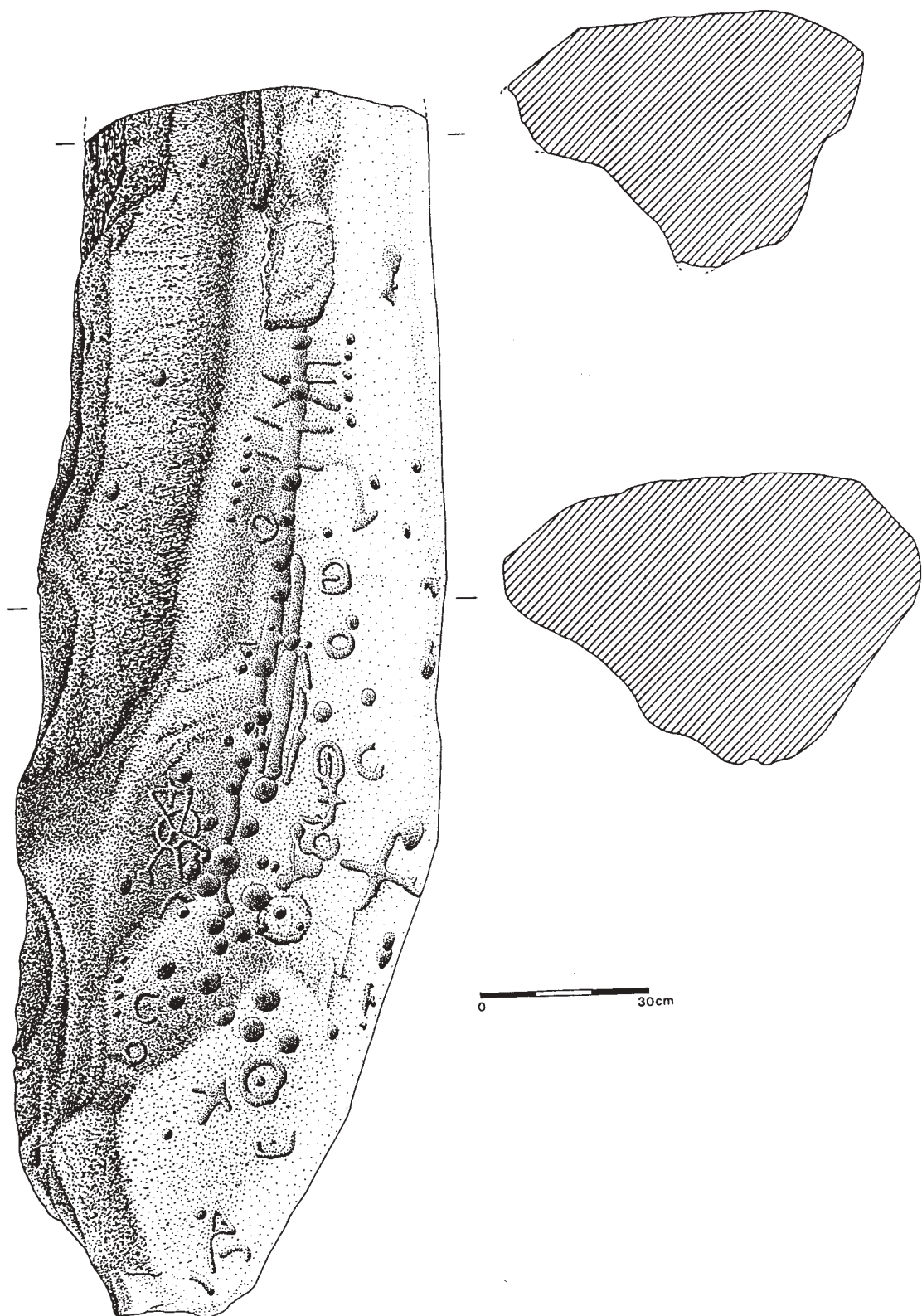


Fig. 9 Levantamento gráfico do grande menir de Lavajo I (menir n.º 3).

no sul da Beira Baixa, é de assinalar a existência de numerosas rochas com “cavinhas” insculturadas, as quais, por um lado, fora correlacionadas com monumentos dolménicos e, por outro, com ermidas, revelando, segundo diversos autores, uma imemorial tradição da utilização daqueles lugares como espaços sagrados e simbólicos (Henriques, Caninas e Chambino, 1995). Aliás, a existência de “cavinhas” foi assinalada pelos mesmos autores num bloco de granito, servindo de ombreira da porta a um palheiro perto da capela da Senhora da Graça, Vila Velha de Ródão, que admitem ter sido originalmente um menir.

Já na rica região megalítica do Alto Alentejo, um dos dois menires da Charneca de Vale Sobral (Nisa), possuía uma das faces repleta de “cavinhas”, as quais ultrapassariam o limite exposto da peça, quando colocada verticalmente. Os autores, concluem que “houve, portanto, a intenção de as deixar enterradas e encobertas, pelo menos em parte, quando a peça estivesse levantada, facto que sugere a hipótese das cavinhas estarem conotadas com a terra ou com um nível cosmológico subterrâneo onde residiriam as forças telúricas” (Monteiro e Gomes, 1977, p. 200). Esta observação reveste-se de muito interesse, por vir conferir um significado às representações do menir do Monte da Ribeira e a algumas patentes no menir n.º 3 de Lavajo I, as quais se encontrariam também ocultas, visto se situarem na parte primitivamente enterrada dos monólitos. Terá sido, igualmente, tal razão que explica os casos de os esteios ou a cobertura da câmara de diversos dólmenes do Alto Alentejo se apresentarem decorados por numerosas “cavinhas”, que nada indica terem sido produzidas após a erosão do montículo tumular. A título de exemplo, é de referir a existência de dois esteios-estela, marcando a entrada do corredor da Anta 2 do Olivado da Pega (OP 2), com centenas de cavinhas insculturadas (Gonçalves, 1999).

Outro monumento funerário que revelou ligação a um monólito decorado, foi o dólmen de falsa cúpula de Vale de Rodrigo, Évora; trata-se de uma estela-menir que se encontrava tombada, junto da entrada, ostentando, entre outros motivos, várias “cavinhas” insculturadas (Gonçalves, 1975, p. 8). Esta situação encontra estreito paralelo na grande estela-menir tombada junto ao limite da mamoa da Anta Grande do Zambujeiro, Évora, em cuja superfície exposta são também visíveis numerosas “cavinhas” (Gomes, 1997).

Também na notável região megalítica de Reguengos de Monsaraz se reconheceram “cavinhas”, tanto em menires como em rochas insculturadas. Sem ter a preocupação de esgotar o tratamento deste assunto, importa, no entanto, assinalar alguns exemplos mais directamente conotáveis com a estela-menir n.º 3 de Lavajo I e, em especial, com o alinhamento de “cavinhas” nela observado, ao longo de um sulco previamente delineado.

O alinhamento de “cavinhas” observado no menir n.º 3 do Lavajo I, tem paralelo, embora não tão nítido, no grande menir de fálco da Herdade do Xarez, Reguengos de Monsaraz, encontrado já tombado, onde J. P. Gonçalves identificou alinhamento de 13 “cavinhas” (Gonçalves, 1972, Fig. 11, 1976, p. 44). A reapreciação deste notável menir, que ocupava a área central de ainda mais notável recinto, de planta sub-quadrangular, constituído por cerca de 50 menires, foi recentemente efectuada, no âmbito dos trabalhos arqueológicos de minimização dos impactos do projecto de Alqueva. Deste modo, foi possível contabilizar em vinte e oito o número de cavinhas ali patentes, das quais 7 definem o alinhamento já identificado por Pires Gonçalves, enquanto outras se organizam de forma menos evidente. Tais cavinhas também ocorrem em cinco dos menires periféricos, com destaque para o menir 51, com dez, executadas no topo, que é aplanado, cuja distribuição sugeriu a utilização no “jogo da serpente” (Gomes, 2000, Quadro VI e Fig. 80, 81). Outro paralelo importante da mesma região é o menir 1 dos Perdigões, o qual exhibe um dos lados totalmente preenchido por “cavinhas”, organizadas nitidamente segundo uma linha longitudinal que percorre, a todo o comprimento, o monólito (Gomes, 2000, Fig. 78).

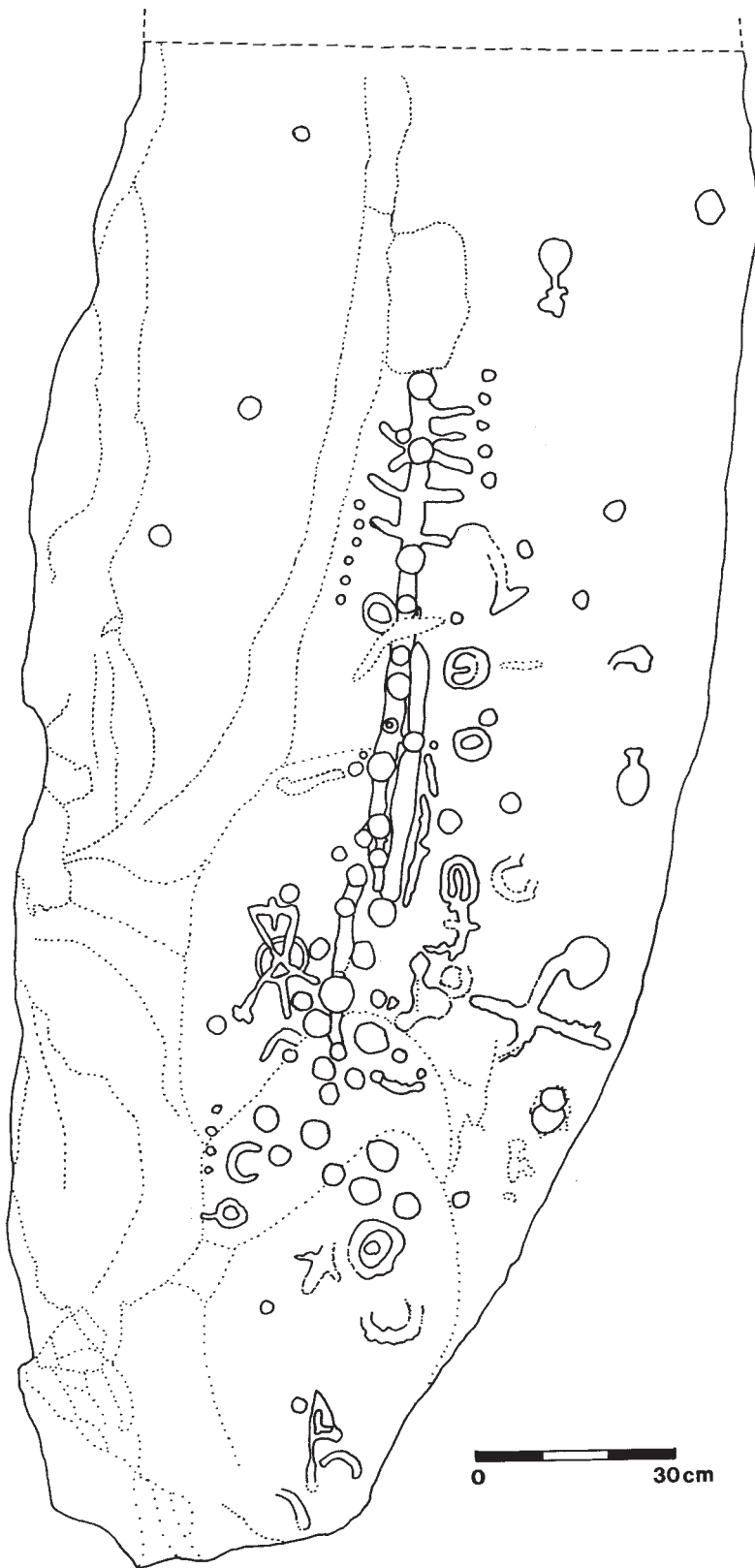


Fig. 10 Planimetria gráfica da superfície insculpada do grande menir de Lavajo I (menir n.º 3).

No santuário exterior do Escoural, Montemor-o-Novo, cuja cronologia remonta aos finais do IV/inícios do III milénio a.C., uma das associações encontradas era constituída por alinhamentos de pequenas “covichas” (Gomes, Gomes e Santos, 1983, Fig. 5, J), cuja disposição não se pode considerar como aleatória. Por último, e sem a preocupação de apresentar um levantamento exaustivo das ocorrências de “covichas” alinhadas na arte megalítica, refira-se que o recinto do Monte Novo, nos Chãos de Sines, “inclui pequenos menires estelares, um deles decorado com covinhas alinhadas” (Gomes, 1997, p. 33).

Em território espanhol, devem mencionar-se alguns monólitos cujas características os aproximam das descritas. Tal como se verifica em Portugal, situar-se-ão, genericamente, no Neolítico Final/Calcolítico. É o caso do menir de Guadyerbas, Toledo, o qual possui, numa das faces, complexa teoria decorativa organizada longitudinalmente, cujo centro é ocupado, tal como no exemplar de Alcoutim, por um alinhamento de “covichas” que, nalguns casos, se encontram ligadas por sulco, ondulado, que parte da base do monólito

(Bueno Ramírez et al., 1999, Fig. 13). Trata-se do exemplar que maiores semelhanças exhibe com o português, conquanto seja mais pequeno, pois tem apenas 1,26 m de comprimento, comparativamente aos 3,14 m deste último. Ainda na província de Toledo, os referidos autores escavaram o dólmen de Navalcán, no interior de cuja câmara depararam, ainda na posição primitiva, com uma estela-menir decorada; outros monólitos, igualmente decorados (um menir e diversos esteios) foram encontrados no decurso da escavação do monumento funerário. É a referida estela, antropomórfica (já que é munida na parte inferior de um cinturão, como o menir do Monte da Ribeira) e de aspecto fálico, que, no contexto deste estudo mais importa referir: com uma altura acima do solo primitivo de 1,55 m, possuía uma das faces decoradas com diversas linhas onduladas, onde avulta uma grande serpente em baixo-relevo que ocupa toda a parte central do referido lado. O lado oposto mostra um conjunto de “covichas” orientadas também ao longo do comprimento do monólito; num dos lados menores, entre outros motivos, avulta um “báculo” em alto-relevo (Bueno Ramírez et al., 1999, Fig. 33-39). Enfim, são ainda os mesmos autores a assinalar no complexo dólmen de El Guadalperal (Cáceres), a associação de linhas onduladas e serpentiformes a “covichas”, em uma grande estela-menir ali reconhecida, implantada à entrada da câmara.

Aliás, a associação de linhas onduladas, para além de “covichas”, também se verifica a circunferências, como a representada no menir n.º 1 de Lavajo I; na Galiza, a Máo de Braña possuía diversos esteios insculturados com tais elementos, dos quais um evidencia também uma organização longitudinal, acompanhando o comprimento do monólito (Bueno Ramírez e Balbín Behrmann, 1999, Fig. 13, n.º 2).



Fig. 11 Pormenor com luz artificial rasante, da superfície insculturada do grande menir de Lavajo I, observando-se ao alto, no centro, triângulo isósceles invertido com a base intersectada por segmento.

Serpentiformes, linhas insculturadas em zigue-zague e outras representações esquemáticas, incluindo uma elipse associada a cruciforme, como a observada no grande menir n.º 3 de Lavajo I e considerada como antropomorfo, possivelmente de carácter feminino, podem observar-se em esteio do dólmen de Corao-Abamia, Astúrias, reproduzido por H. Obermaier (1924, Fig. 11). O autor, que dedica o citado trabalho ao estudo do dólmen de Soto, Huelva, reproduz, deste, várias insculturas observadas em diversos esteios da galeria. Entre estas, devem destacar-se, por possuírem paralelos directos nos menires de Lavajo I, os seguintes motivos:

- numerosas “covichas”, como as do esteio 31, do lado esquerdo do monumento;
- três circunferências dispostas em linha horizontal, no esteio 15, do lado esquerdo do monumento;
- um curioso motivo, conotável com representação sexual feminina, constituída por dois triângulos isósceles, dispostos simetricamente, com as respectivas bases paralelas, unidas ao centro por segmento vertical (Obermaier, 1924, Lám. VII, A, B, C), directamente comparável ao motivo triangular do menir n.º 3 do Lavajo I.

Representações similares, de triângulos simples, são, aliás, conhecidas em contextos calcolíticos da Estremadura portuguesa; entre eles, avultam o ídolo cilíndrico de calcário, de Leceia (Cardoso, 1995) e várias placas de barro rectangulares, utilizadas como elementos de tear (Jalhay e Paço, 1945, Fig. 11, n.º 7; Paço e Arthur, 1952, Fig. 3, n.º 1), com diferenças menores: é que, enquanto no triângulo simples do menir em análise (Fig. 11) e nos duplos triângulos do dólmen onubense, o traço vertical que indica supostamente a abertura vaginal intersecta a base dos triângulos, sem atingir o vértice oposto, nos exemplares estremenhos, o referido traço passa, ao contrário, pelo referido vértice, sem atingir a base. É evidente que a semelhança entre ambos os grupos é maior que as respectivas diferenças, conferindo às figuras dos megálitos referidos um significado sexual feminino difícil de negar.

A província de Huelva, área geográfica importante no âmbito desta discussão, visto tratar-se de região imediatamente adjacente à de Alcoutim, forneceu, igualmente, um conjunto de insculturas rupestres a céu aberto: trata-se do sítio de Los Aulagares, Zalamea la Real, Huelva (Del Amo, 1971). Identificaram-se três conjuntos de afloramentos gravados, onde são exclusivos os motivos geométricos representados, quase exclusivamente por circunferências e suas variantes, constituídas por diferentes soluções decorativas do seu interior, normalmente radiado ou compartimentado. Neste contexto estritamente geométrico, têm pertinência os comentários anteriormente apresentados relativamente à fase tardia da arte do Tejo, igualmente representada por figuras congêneres, conquanto as onubenses denotem uma maior especificidade local e características decorativas próprias (que as aproximam de algumas estações da arte rupestre galaico-portuguesa, da Idade do Bronze, como é o caso do Outeiro dos Riscos, Vale de Cambra). Foram designadas por M. del Amo por “círculos com raios e pontos”, situando-as em momento que corresponderia às derradeiras construções dolmênicas da região — como o supracitado dólmen de Soto — e as primeiras sepulturas cistóides do Bronze Antigo, dos inícios da primeira metade do II milénio a.C.: na própria região de Alcoutim, o signatário dirigiu a escavação de uma destas grandes cistas, com espólio calcolítico, em Cerro do Malhão, Martinlongo.

No grande menir de Lavajo I, apenas uma inscultura se aproxima das circunferências radiadas características do conjunto rupestre de Los Aulagares: trata-se da associação do já mencionado triângulo isósceles invertido a uma circunferência cujo centro coincide com o vértice do triângulo (Figs. 9-11).

Parece claro que a arte esquemática rupestre da Idade do Bronze do ocidente peninsular, corresponde a um *continuum*, com origens imediatas na própria arte esquemática megalítica, origem que, entre outros, já E. Mac White tinha assinalado (Mac White, 1951, p. 37). De tal constatação decorre que a periodização apertada, feita como que em compartimentos não comunicantes, em que a evolução se processaria “por saltos”, segundo o modelo proposto por E. Anati e seguido de perto por diversos autores, não pode ser mais aceite: é nesse sentido que as pertinentes críticas de A. M. Baptista e do próprio M. del Amo apontam. Prova de que a evolução artística patente na arte esquemática, além do marcado regionalismo que a caracteriza, foi, de facto, fenómeno complexo, que não se compadece com a mera classificação “por catálogo” dos motivos elementares, que não devem interpretar-se como entidades isoladas, separando-os artificialmente do todo de que fizeram (e fazem) parte integrante. Já M. Almagro, admitiu que a arte das estelas “extremeñas” da Idade do Bronze, se deveria procurar na arte esquemática megalítica (Almagro, 1966): e, com efeito, no estado actual dos nossos conhecimentos, tal convicção parece mais forte do que nunca, sendo ilustrada, por exemplo, pela clara continuidade entre as estelas-menir diademas calcólicas e as suas congéneres, da Idade do Bronze, a ponto de ser problemática a separação entre umas e outras.

No quadro da discussão que vem sendo apresentada, importa sublinhar, a propósito da evidente continuidade artística aludida, a estreita analogia, não certamente ocasional, que se pode estabelecer entre algumas composições galaico-portuguesas e o motivo que, no grande menir do Lavajo I, condicionou todo o discurso decorativo nele patente: trata-se do sulco longitudinal rectilíneo, pontuado de “cavinhas”, que também se observa no menir de Guadyerbas (Toledo), o qual tem o seu paralelo mais próximo, já da Idade do Bronze, na estação rupestre galaico-portuguesa da “Laxe do Xubiño”, em Combarro (Sobrino Buhigas, 1935, Fig. 148): ali, observam-se linhas ramificadas, materializadas em sulcos a partir de um ponto comum, pontuadas interiormente por uma sucessão de múltiplas “cavinhas”. A este exemplo, outros se poderiam juntar, ainda mais longínquos, como o menir irlandês de Seskilgreen, Tyrone (Coffey, 1977, Fig. 85), no qual o espaço decorado se encontra nitidamente separado obliquamente, por uma sucessão de “cavinhas” cuidadosamente alinhadas.

3. Lavajo II

Por indicação, já mencionada, da Doutora H. Catarino, em 2000, foi investigado o cerro fronteiro ao do núcleo de Lavajo I, e dele separado pelo pequeno vale do Lavajo. Este novo sítio distancia-se apenas cerca de 250 m, na direcção NNE, do núcleo megalítico que se acabou de descrever (Fig. 13), sendo ambos intervisíveis na actualidade (o que não significa que tivesse sido sempre assim, dada a provável existência na época de cobertura arbórea mais importante). Referia aquela arqueóloga a existência, no local, de uma provável estela de grandes dimensões, fracturada em diversos pedaços, podendo, em alternativa, tratar-se de um monumeto funerário muito destruído. Obtida, nesse mesmo ano, a autorização para ali se proceder a trabalhos arqueológicos, foi então verificada a existência, por terra, de três grandes monólitos de grauvaque, removidos da sua posição primitiva e uma depressão alongada no terreno, coberta de vegetação, seguramente resultante do arranque mecânico dos referidos monólitos (Fig. 14). No fundo da referida depressão, jazia, em posição quase vertical, uma bela placa de grauvaque moldurada, cuidadosamente polida (Fig. 23). Atendendo à situação e ao achado referido, o sítio foi então considerado como correspondendo a monumento megalítico funerário, muito destruído.

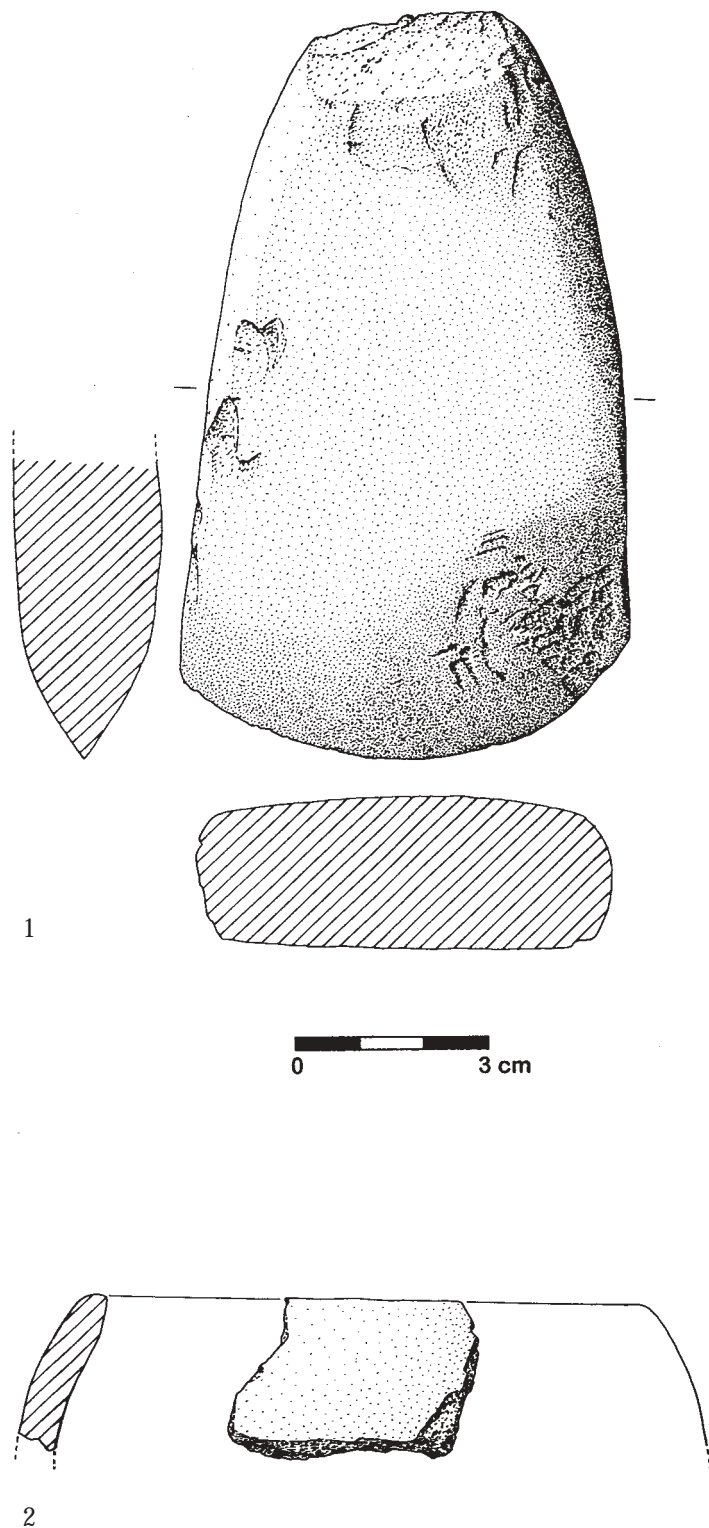


Fig. 12 n.º 1 – enxó de anfibólito, intacta, recolhida nas terras superficiais de revolvimento da área escavada em Lavajo I; n.º 2 – fragmento de vaso esférico, recolhido no fundo de pequena depressão existente no substrato geológico, identificada no sector sul da área escavada (ver Fig. 1).



O mau tempo que caracterizou quase todo o Outono de 2000 e o Inverno de 2001, não permitiu a realização da escavação, a qual apenas se veio a concretizar em Junho de 2001. Os trabalhos tiveram dois objectivos: o primeiro, consistiu no levantamento cuidadoso da superfície dos monólitos, com o intuito de neles se identificarem insculpturas rupestres. Após limpeza, foram todos desenhados (Figs. 15, 16), evidenciando-se, apenas, importante trabalho de afeiçoamento e de regularização das superfícies, por picotagem, particularmente num deles (Fig. 15). Mostram, invariavelmente, uma das extremidades com fracturas mais ou menos recentes. Deste modo, as extremidades conservadas correspondem

Fig. 13 Localização dos núcleos de Lavajo I (1), Lavajo II (2) e anta do Malhão (3). Carta Militar de Portugal na escala de 1/25 000, folha n.º 575, Lisboa, Serviços Cartográficos do Exército, 1952 (reduzida).



Fig. 14 Vista do conjunto megalítico de Lavajo II, com três estelas-menir tombadas no terreno, antes da realização dos trabalhos arqueológicos. Em último plano, na linha do horizonte, observa-se o menir n.º 3 de Lavajo I, assinalado por asterisco.

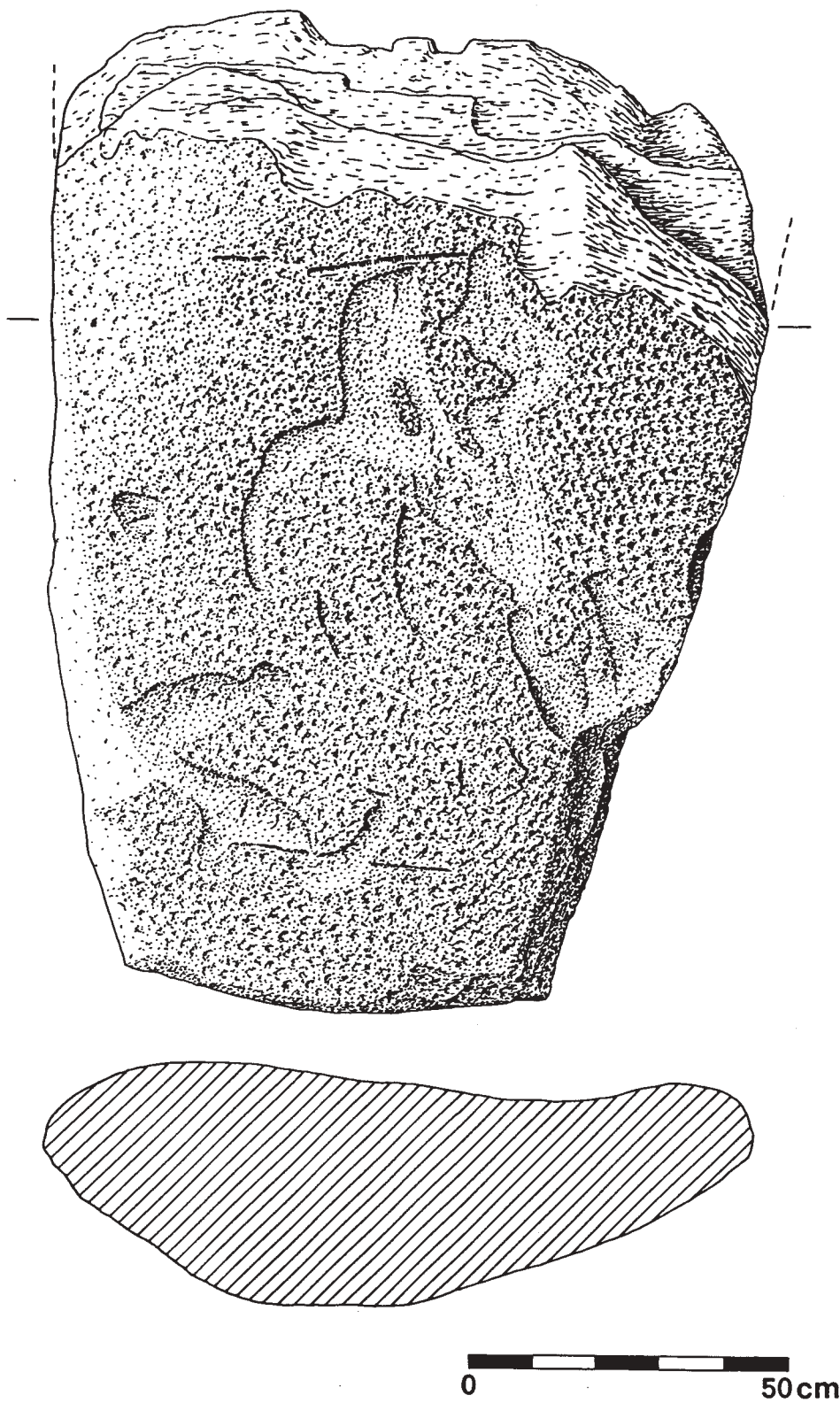


Fig. 15 Estela menir n.º 1 de Lavajo II, de grauaque, cuja superfície foi quase totalmente regularizada por picotagem. Os sulcos indicados são modernos.

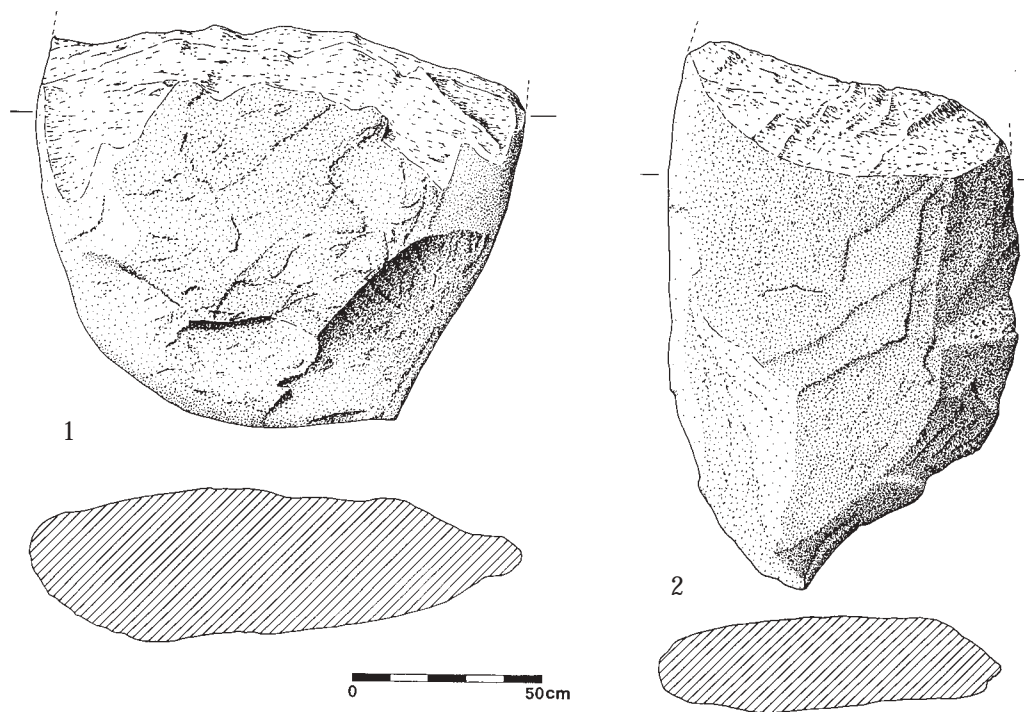


Fig. 16 Estelas menir n.º 2 e 3 de Lavajo II, de grauvaque, parcialmente afeixoadas por picotagem.



Fig. 17 Vista geral da depressão criada pelo arranque mecânico das três estelas-menir, antes da escavação. Em primeiro plano, observa-se fragmento, ainda *in situ*, de uma quarta estela-menir.



Fig. 18 Vista geral da escavação do alvéolo das estelas-menir de Lavajo II, cujo interior se encontra repleto de cunhas de grauvaque, utilizadas na fixação das estelas-menir. Em último plano, as três estelas-menir de maiores dimensões.

às primitivamente enterradas. Em dois casos, aquelas exibem intenso afeiçoamento, apresentando-se convexas ou muito convexas.

Depois de limpo o terreno, a escavação evidenciou, não o que se julgava ser a câmara de um dólmen, mas sim uma depressão alongada, repleta de blocos de grauvaque de forma aparentemente desordenada (Fig. 17). A prossecução da escavação veio evidenciar o modo de construção deste dispositivo: trata-se de rasgo aberto no substrato geológico, constituído, tal como no *locus* anterior, por xistos finamente folheados do Carbónico, com o comprimento aproximado de 4 m e a largura média de 0,60 m, cuja base não foi possível atingir, visto se encontrar preenchida por blocos de grauvaque de tamanho e formato diversos, os quais, nalguns casos, assumiam aspecto tabular, conservando ainda as posições originais entre si (Figs. 18-22). Tornava-se claro que tal rasgo, pelas suas dimensões e características, não correspondia à câmara de um monumento megalítico, mas sim ao alvéolo de fundação dos três monólitos, que deste modo só poderiam ser interpretados como estelas menir.

Nalguns casos, pela sua disposição paralela, tais elementos serviram de calços para a fixação das grandes estelas-menir dali arrancadas, situação que é particularmente evidente na parte média do rasgo aludido (Fig. 20). A confirmar esta conclusão, é de destacar a existência de um fragmento de estela-menir ainda *in situ*, na extremidade oriental da escavação, visível tanto antes (quando foi interpretado como esteio do corredor), como depois da realização dos trabalhos (Figs. 17, 19).

Por outras palavras, o rasgo aberto no substrato e as estruturas detectadas no seu interior, relacionam-se directamente com os três monólitos, destinando-se, originalmente, a servirem à sua respectiva sustentação. Tendo em conta a geometria do referido rasgo, conclui-se que as quatro estelas-menir teriam constituído um alinhamento contínuo, unidas topo a topo, com orientação geral Este-Oeste, formando deste modo uma espécie de painel lítico.

No decurso da escavação ocorreram diversos artefactos ritualmente depositos na fundação das estelas-menir, os quais se enumeram de seguida:

- placa sub-quadrangular de grauvaque fino, cinzento-esverdeado, decorada apenas por um sulco, inciso, ao longo dos lados de uma das faces, passando pelo furo de suspensão, bicónico, existente no centro de uma das faces menores (Fig. 23). Apresenta-se cuidadosamente polida, mas sem indícios de qualquer representação na face esquadriada. É possível, no entanto, que aquela exibisse pintura a vermelho, atendendo a eventuais vestígios da sua existência. Esta peça, de extrema raridade, foi recolhida antes da realização da escavação, jazendo de cutelo, no interior do alvéolo de fixação e encontrava-se já remobilizada, devido às violentas perturbações induzidas pelo arranque dos monólitos. A reconstituição da posição da peça na área que veio posteriormente a ser escavada, indica que ocuparia aproximadamente posição central (ver Fig. 21).
- grande “pico” maciço, de secção subcircular, de grauvaque de grão grosseiro, esverdeado, com a superfície sumariamente afeiçãoada por picotagem. Possui marcas evidentes de percussão numa das extremidades, compatíveis com utilização como sacho, hipótese reforçada pela concavidade de uma das faces, de formato adequado à fixação do respectivo cabo. A extremidade oposta apresenta-se com fractura fresca. Foi recolhido à superfície, do lado oriental da escavação (Fig. 24, n.º 2).
- grande formão de gume dissimétrico, afeiçãoado num seixo alongado de rio, de grauvaque esverdeado. Toda a superfície do objecto foi polida e o gume apresenta-se intacto (Fig. 25, n.º 6). Foi recolhido com o gume apontado para baixo, em posição oblíqua, no lado oriental da escavação, mas tal posição resultou do revolvimento produzido pelo arranque dos monólitos.
- fragmento de machado de secção elipsoidal, de fibrolite, totalmente polido na parte conservada, correspondente a cerca de um quarto do volume original, incluindo parte do gume, que se apresenta intacto (Fig. 25, n.º 7). Foi recolhido na parte ocidental da escavação.
- ponta de seta de base côncava, intacta, de sílex zonado, cinzento e esbranquiçado (Fig. 25, n.º 3). Provém do lado oriental da escavação.
- micrólito de sílex castanho de superfície brilhante, sugerindo tratamento térmico, de contorno sub-triangular, com um dos lados finamente trabalhado por retoques abruptos e o lado oposto por retoques marginais descontínuos, formando uma ponta perfurante. A base, convexa e oblíqua, mostra regularização a partir de ambas as faces (Fig. 25, n.º 2). Poderia ser utilizada individualmente, como ponta de seta, ou em artefacto composto. Provém do lado oriental da escavação.
- lasca de quartzo branco semi-translúcido podendo corresponder à extremidade de uma raspadeira espessa. Tal hipótese é sugerida pela existência de escassos levantamentos abruptos, a partir do gume, muito convexo (Fig. 25, n.º 1). Provém das terras do exterior da área escavada.
- lasca de talhe de sílex esbranquiçado, desprovida de trabalho (Fig. 25, n.º 5). Provém das terras do exterior da área escavada.
- Lasca de sílex castanho-amarelado, com retoque contínuo num dos bordos, dando origem a gume levemente denticulado. Raspador simples convexo denticulado (Fig. 25, n.º 4). Provém da zona exterior da escavação, tendo sido recolhida junto do seu extremo Oeste.
- Recolheram-se apenas três fragmentos cerâmicos e, destes, somente um fragmento de bordo. Trata-se de porção de taça de bordo “almendrado”, de pasta grosseira, com abundantes e. n. p. de quartzo, feldspatos e ferromagnesianos (Fig. 24, n.º 1). Provém do lado ocidental da escavação e mostra as superfícies muito erodidas, o que é compatível com a fraca profundidade que aquela atingiu desse lado.



Fig. 19 Vista geral da escavação do alvéolo de fixação das estelas-menir de Lavajo II. Em primeiro plano o único fragmento de estela que se encontrou *in situ*.



Fig. 20 Pormenor da escavação do alvéolo de fixação das estelas-menir de Lavajo II, observando-se duas cunhas de grauvaque dispostas paralelamente, para melhor se ajustar a base da estela menir correspondente. Do lado direito, evidencia-se o pequeno talude de escavação feito no substrato geológico.

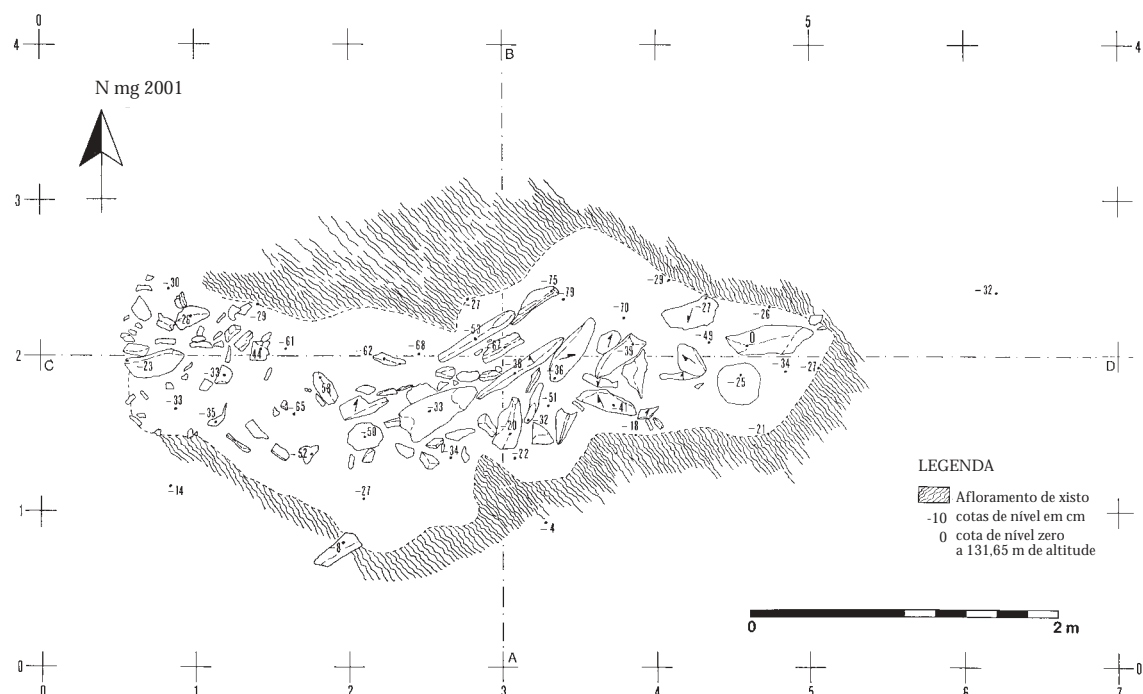


Fig. 21 Planta do alvéolo de fixação das estelas-menir de Lavajo II.

4. Análise do espólio

No conjunto, o espólio recolhido na escavação do alvéolo de sustentação das estelas-menir de Lavajo II pode subdividir-se em dois grandes grupos: o primeiro, corresponde às peças que não se podem relacionar com o ritual da fundação da estrutura: trata-se do sacho (Fig. 24, n.º 2) e do bordo de taça “almendrado” (Fig. 24, n.º 1), para além de diversas lascas mais ou menos trabalhadas em diversos artefactos (Fig. 25, n.º 1, 4 e 5). O sacho, feito de grauvaque, rocha disponível no local, evoca modelo arcaico; mas trata-se de objecto grosseiro, destinado ao trabalhos dos solos esqueléticos e pedregosos da região, pelo que a sua tipologia poderá, simplesmente, expressar uma adequada adaptação às funções pretendidas. As lascas não possuem, igualmente, recorte tipológico suficiente para se poder optar por qualquer época em particular. Já o mesmo não sucede com o fragmento cerâmico, que indica época calcolítica. Porém, o facto de se tratar de exemplar muito erodido, e a posição sub-superficial a que foi recolhido, incompatível com a profundidade a que jaziam os artefactos ritualmente depositados no alvéolo de fundação das estelas menir faz aceitável admitir que se trata de uma peça mais moderna.

De entre as peças recolhidas seguramente no alvéolo de fundação dos monólitos, avultam algumas que importa referir em particular. Assim, o micrólito finamente retocado, executado sobre lâmina (Fig. 25, n.º 2) é uma peça que poderá remontar ao Neolítico Final, tal como o fragmento de machado de fibrolite (Fig. 25, n.º 7) e o grande formão totalmente polido (Fig. 25, n.º 6); o mesmo é válido para a ponta de seta de base côncava finamente retocada, podendo, no entanto, ser já calcolítica (Fig. 25, n.º 3).

A bela placa de grauvaque possui estreitos paralelos com exemplar de arenito incompleto da Anta Grande da Comenda da Igreja, Montemor-o-Novo, atribuível igualmente ao Neolítico Final, conquanto seja maior a espessura e a profundidade do sulco marginal (Leisner e Leisner, 1959, Tf. 27, n.º 76). Outro paralelo que importa referir é constituído por duas placas, igualmente de arenito, recolhidas na necrópole do Neolítico Final da gruta do Escoural, Montemor-

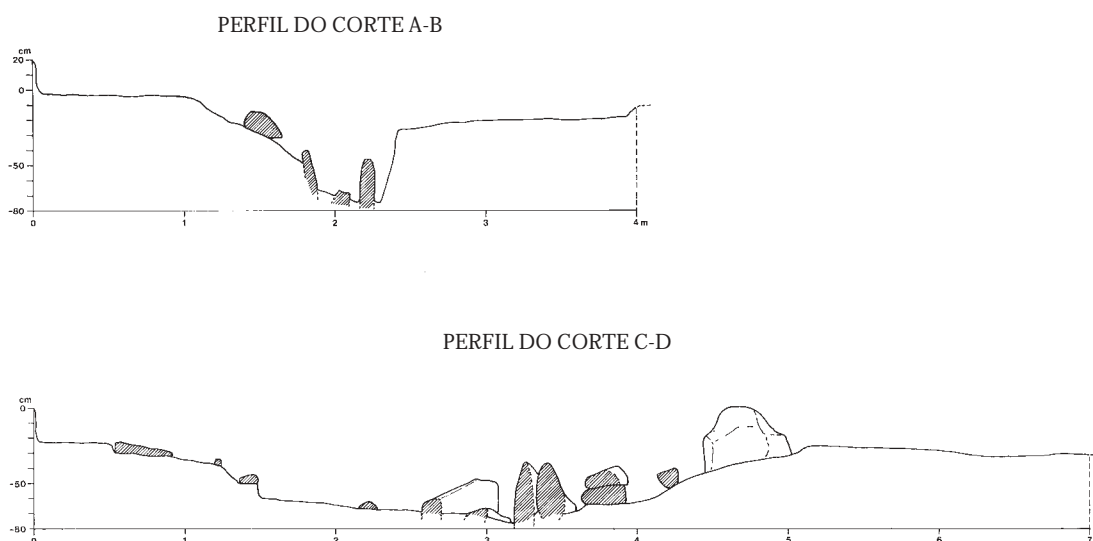


Fig. 22 Perfis longitudinais e transversal, realizados no alvéolo de fixação das estelas-menir de Lavajo II.

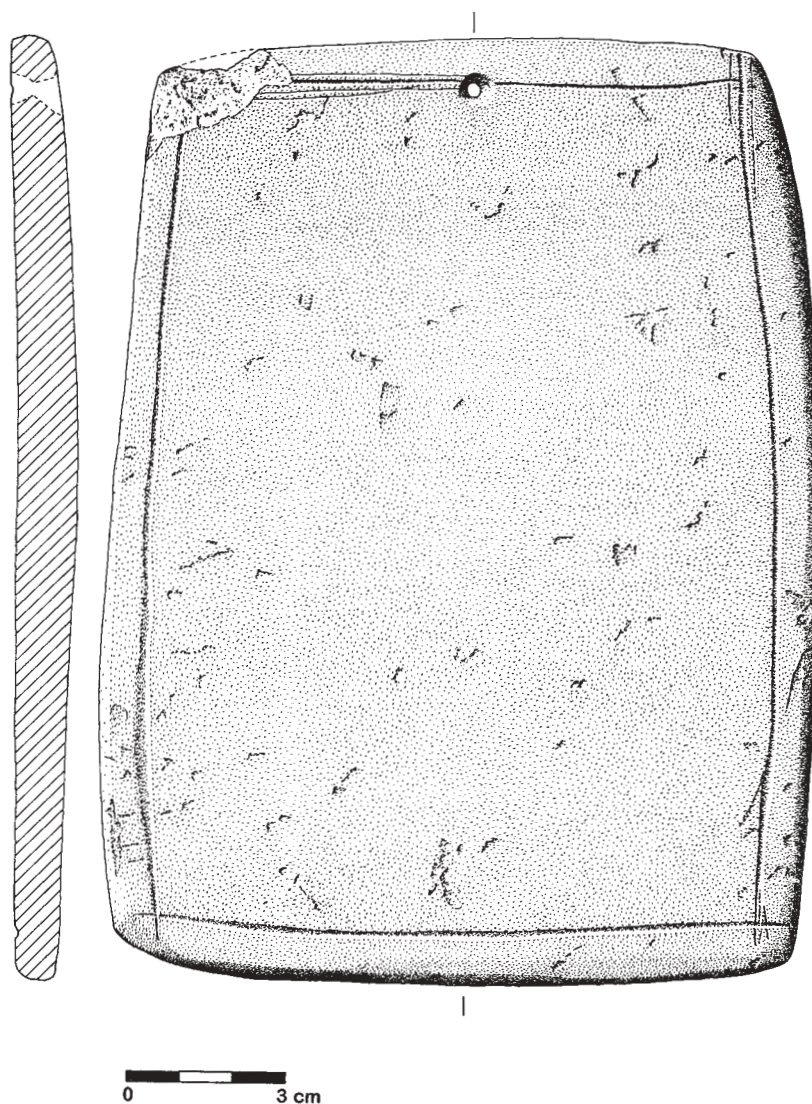


Fig. 23 Grande placa lisa de grauvaque cinzento-esverdeado, finamente polida, com uma das faces moldurada por fino sulco, e munida de furo de suspensão bitroncocónico, recolhida no interior do alvéolo de fixação do conjunto megalítico de Lavajo II. Trata-se de peça directamente relacionada com o ritual de fundação do monumento megalítico.

-o-Novo (Santos, 1971, Est. 1). Numa, o contorno apresenta-se elipsoidal e o sulco que possui apenas acompanha parte do perímetro de peça, a qual é munida de um furo de suspensão. A outra placa difere da anterior pelo sulco periférico se encontrar substituído por cordão em alto-relevo.

O objectivo que parece transparecer nestas placas lisas foi a criação de um espaço interior, plano e regular, que poderia ter recebido pintura: neste sentido, deve ser referida a grande placa sub-retangular, de bordos bombeados e totalmente regularizada, com vestígios de pintura a ocre vermelho do enterramento da Mamoia 3 de Pena Mosqueira, Sanhoane (Sanches, 1996, Fig. 18), pese embora as suas maiores dimensões e a ausência de furo para suspensão. Outra placa, recolhida por José Coelho na anta do Vale de Fachas (Viseu), possui dois furos de suspensão e pinturas a ocre vermelho, na sua parte inferior (Coelho, 1912, Fig. II), conquanto incompleta. Trata-se de monumento dolménico de longo corredor e câmara poligonal, do Neolítico Final.

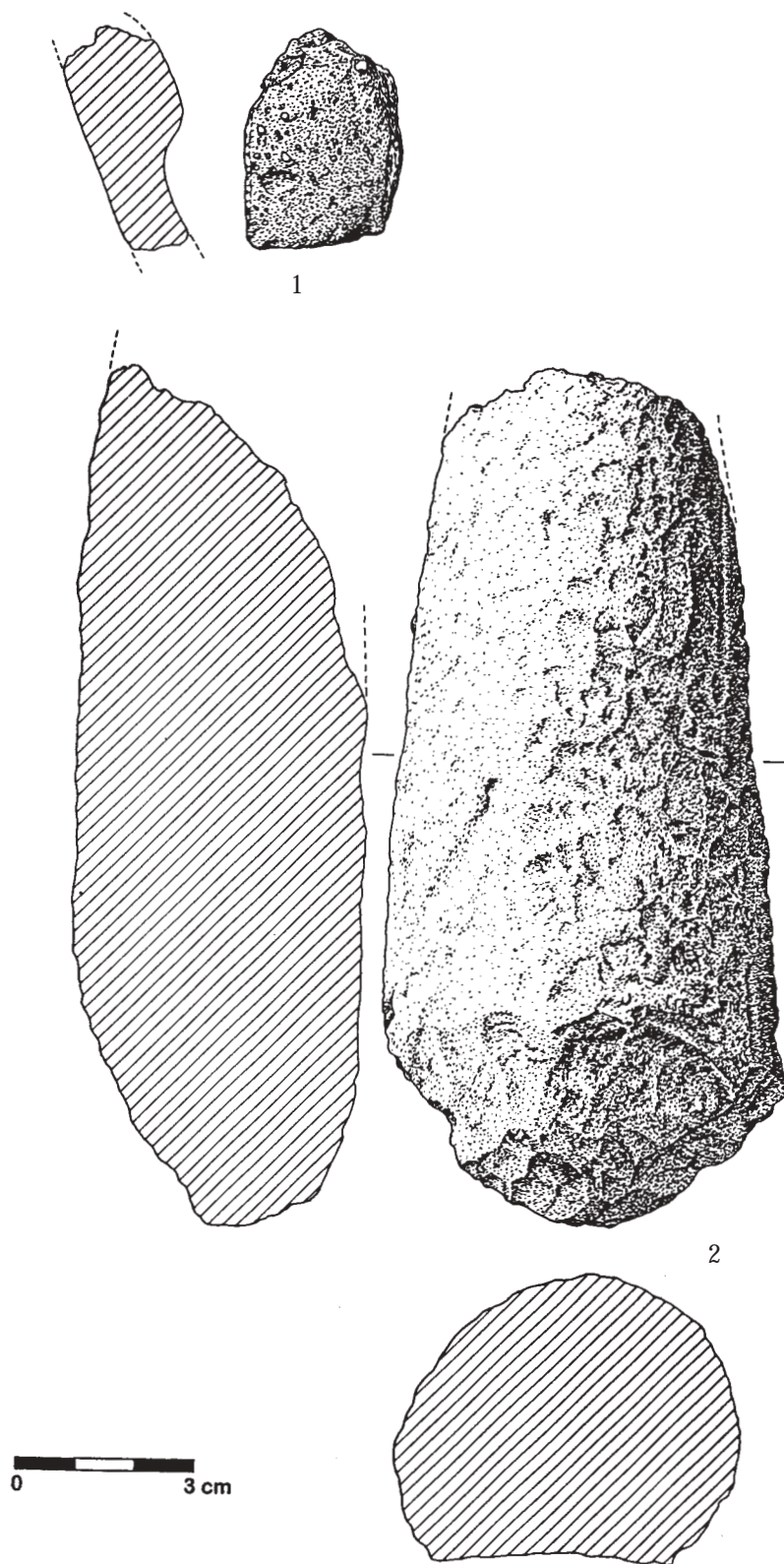


Fig. 24 n.º 1 – fragmento de taça de bordo “almendrado”, com superfície muito erodida, recolhida quase à superfície (Lavajo II); n.º 2 – grande sacho de grauvaque, de secção quase circular, grosseiramente picotado em toda a superfície e com marcas de utilização na extremidade activa. Encontrado na periferia da área escavada de Lavajo II.

É ainda de referir como exemplar comparável, um fragmento de placa de xisto, de fina espessura, com um sulco gravado esquadriado, em ambas as faces. Provém de uma sepultura de Castro Marim, recentemente reestudada e considerada como de câmara circular desprovida de corredor, com paralelos neolíticos andaluzes. Com efeito, a datação de uma tibia humana do único indivíduo nela tumulado, deu os seguintes intervalos, para dois *sigma*: 3370-3030; 2970-2930 cal BC (Gomes, Cardoso e Cunha, 1994, Fig. 3, C), cronologia compatível com o Neolítico Final regional.

Das comparações efectuadas, verifica-se que todos os exemplares citados pertencem ao Neolítico Final; a estes, poder-se-ão, ainda, juntar exemplares de arenito, referidos por Victor S. Gonçalves das grutas de Alcobaça como possuindo igualmente um sulco periférico. Com efeito, o autor refere a falta de decoração que caracteriza tais peças, chamando, significativamente, a atenção, para os raros casos em que se observavam esquadrias ou traços de delimitação do perímetro, exactamente como na placa em discussão (Gonçalves, 1978).

Nas colecções portuguesas conhecem-se de há muito placas lisas de arenito, sem sulco periférico, nalguns casos possuindo furos de suspensão: um dos casos mais notáveis é o da placa recolhida nas grutas do Poço Velho, Cascais (Paço, 1941, Est. VI), com um furo de suspensão bicónico numa das extremidades. Tais placas, frequentes em diversas necrópoles em gruta natural do Neolítico Final da Estremadura, como a Lapa do Bugio, Sesimbra (Cardoso, 1992), a Lapa da Galinha (J. R. Carreira, comunicação pessoal) e outras, nalguns casos poderiam ter funções práticas, como polidores; com efeito, mostram por vezes as faces maiores e os lados bombeados, sugerindo tal utilização. Noutros casos, é evidente a sua finalidade ritual ou simbólica, com representações antropomórficas mais ou menos explícitas, presentes em estações estremenhas:

- gruta do Furadouro da Rocha Forte, Cadaval que forneceu uma placa onde tais elementos se encontram explicitados por um par de furações troco-cónicas sugerindo os olhos (Gonçalves, 1990/92, Fig. 93, n.º 20);
- *tumulus* do monumento da Praia das Maças, cujo exemplar mostra um par de olhos ou mamilos em baixo relevo (Gonçalves, 1982/1983, Fig. 19, n.º 6), semelhante a outro, das grutas de Alcobaça (Gonçalves, 1978, Est. XXIII).

Outra peça a salientar do espólio recolhido em Lavajo II é o fragmento de machado de fibrolite. Trata-se de rocha monominerálica, constituída sobretudo por silimanite fibrosa, de alto grau de metamorfismo, cuja ocorrência, ao menos em massas susceptíveis de proporcionarem a confecção de machados como o encontrado, é desconhecida em território português. Um estudo, já antigo, de O. da Veiga Ferreira, revelou uma distribuição por todo o Alto e Baixo Alentejo, o Algarve (especialmente o sotavento), com uma concentração na Estremadura e outra na Beira Baixa; mais raramente, ocorrem exemplares na Beira Alta, Beira Litoral e Minho (Ferreira, 1953). Trata-se, pois, de um bom indicador da circulação transregional, desde o Neolítico Final, de matéria prima que, pelas suas características peculiares (textura, coloração) era propícia a artefactos polidos de finalidades essencialmente rituais, já que raramente ocorrem com vestígios de utilização, sendo, ao contrário, frequentes as peças-miniatura, mesmo em contextos habitacionais, cujo significado não utilitário é evidente.

Também a enxó de anfibolito recolhida no núcleo megalítico de Lavajo I possui inquestionável origem exógena à região. Trata-se de rocha cuja origem mais provável, tendo em conta a distância, se pode situar no Baixo Alentejo. Com efeito, na Zona de Ossa/Morena, conhecem-se afloramentos susceptíveis de fornecerem tal tipo petrográfico, bem representado na faixa vulcano-sedimentar de idade carbónica de Castro Verde-Grândola.

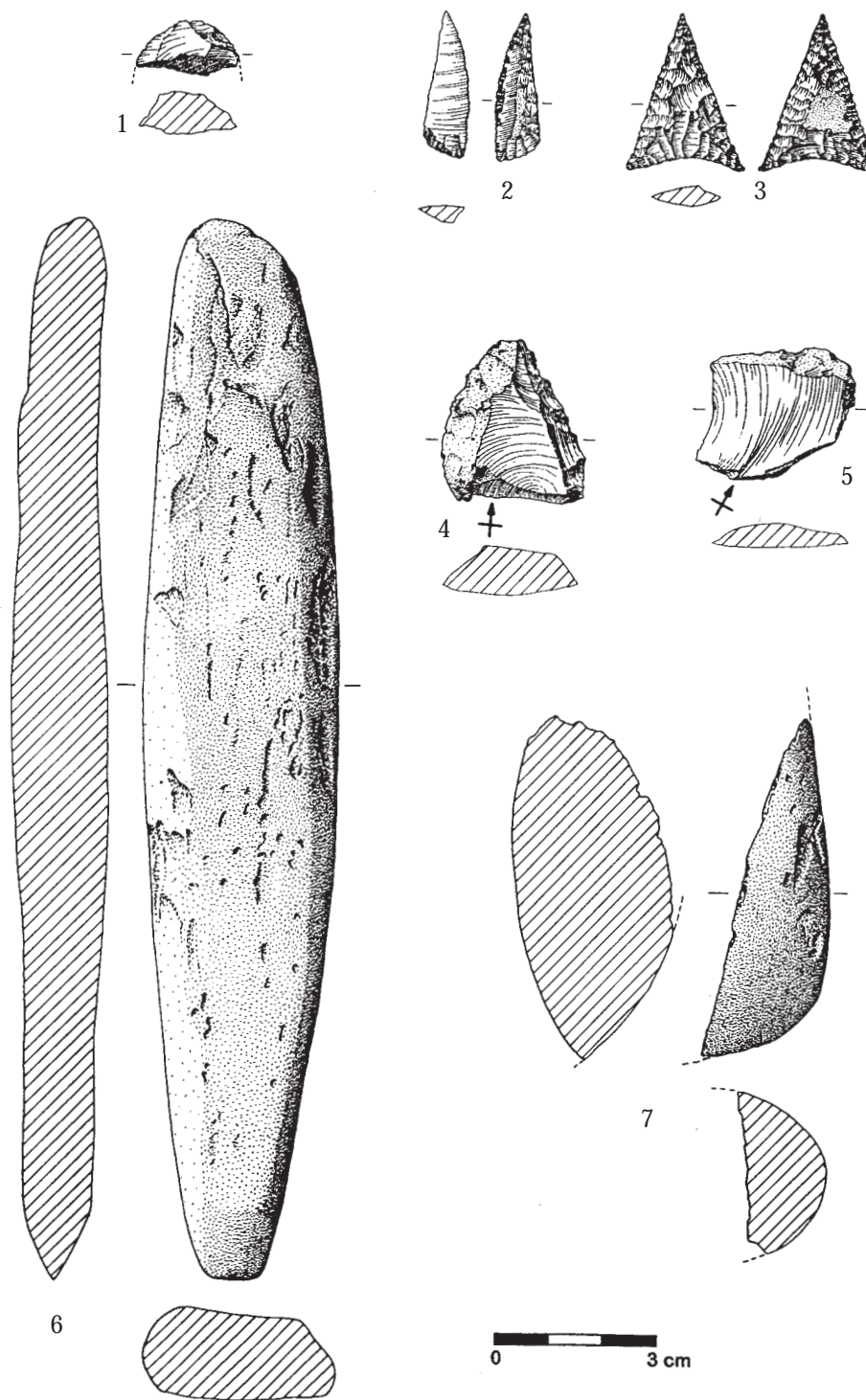


Fig. 25 1 – Materiais arqueológicos recolhidos em Lavajo II. Com asterisco indicam-se aqueles que provêm do alvéolo de fixação do conjunto megalítico, e, deste modo, se relacionam directamente com o ritual de fundação do monumento: n.º 1 - fragmento de lasca de quartzo leitoso, com indícios de utilização na extremidade convexa; n.º 2* - micrólito sub-triangular, de sílex castanho-avermelhado, finamente retocado; n.º 3* - ponta de seta de base côncava, de sílex zonado cinzento-esbranquiçado, finamente retocada em ambas as faces; n.º 4 - lasca de sílex castanho-avermelhado, retocada num dos bordos laterais, afeição raspador denticulado; n.º 5 - lasca de talhe, de sílex esbranquiçado; n.º 6* - grande formão finamente polido, afeiçãoado em seixo rolado alongado de grauvaque esverdeado de grão fino; n.º 7* - fragmento de machado de secção elipsoidal, de gume intacto, totalmente polido, de fibrolite.

Por último, as peças de sílex encontradas, que poderiam integrar, tendo presentes as suas características, qualquer contexto do Neolítico Final da Estremadura ou do Sul de Portugal, possuem também origem exógena. Assim, o sílex ocorre no concelho de Vila do Bispo, sob a forma de nódulos nos calcários jurássicos. Trata-se de matéria-prima de coloração frequentemente acastanhada ou rosada, ocorrendo também o sílex esbranquiçado. As peças recolhidas em Lavajo II poderiam, pois, ter aquela proveniência, ou outra, mas sempre relacionada com a faixa de calcários jurássicos que percorre longitudinalmente todo o Algarve, correspondendo ao “barrocal. Com efeito, na região de Tavira, mais próxima de Alcoutim, foram reconhecidos diversos níveis de calcários jurássicos com nódulos de sílex, cujas características não, são, contudo, descritas (Manupella et al., 1987). É de admitir origem ainda mais oriental, já na actual Andaluzia: na necrópole calcolítica de Alcalar ocorrem variedades de sílex semelhantes, admissivelmente com tal proveniência (informação pessoal de Rui Parreira).

Em suma, a(s) comunidade(s) que erigiram os dois núcleos megalíticos do Lavajo, no Neolítico Final, ou nos primórdios do Calcolítico mantinham uma vasta rede de intercâmbios, tanto com a faixa litoral, como com o interior alentejano, assegurando o abastecimento de matérias-primas diversas e complementares, certamente já manufacturadas, essenciais ao seu próprio quotidiano.

5. Discussão e conclusões

Os dois núcleos megalíticos escavados, conquanto de características diferentes, relacionavam-se, por certo, entre si. Distanciados cerca de 250 m, ocupando o topo de outeiro (Lavajo I) ou a parte média da crista de elevação fronteira (Lavajo II), encontravam-se em posição visual de destaque, apresentando-se intervisíveis (ao menos na actualidade). O primeiro núcleo (Lavajo I), é constituído actualmente por três menires (dois completos ou quase, um apenas representado por uma grande porção da sua parte frontal), todos eles decorados. Avulta a decoração do maior, com diversos paralelos em monumentos homólogos de Neolítico Final do sul do território português. Dado o estado de remobilização sofrido pelas três peças, é actualmente impossível conhecer a posição primitiva existente entre elas. Já o mesmo não sucede com o segundo núcleo explorado (Lavajo II). Aqui, embora três dos quatro monólitos — todos com formato estelar e desprovidos de decoração, talvez um pouco mais modernos que os anteriores — já estivessem deslocados das suas posições primitivas, à data da escavação, esta permitiu reconstituir, tendo em conta a morfologia do alvéolo de fixação respectivo, a sua posição original no terreno. Verificou-se, deste modo, que definiam um alinhamento contínuo, com os lados menores colocados topo a topo, formando uma espécie de “painel” orientado na direcção de Este-Oeste.

As referências a alinhamentos simples de menires no território português são extremamente escassas e imprecisas. Embora se conheçam na bibliografia alusões a dois possíveis conjuntos, do barlavento algarvio, em Padrão, Vila do Bispo (Gomes, 1997, p. 147, 148) apenas se encontram documentadas, com alguma segurança, duas ocorrências, uma vez que o alinhamento de Tera, Montemor-o-Novo, em curso de exploração por Leonor Rocha, se inscreverá já na Idade do Ferro. Uma é a do monumento de Cerro das Pedras, Loulé, escavado por Estácio da Veiga. O conjunto é constituído por, pelo menos, três monólitos, alguns de aspecto estelar (Veiga, 1886, Est. XI), junto dos quais aquele arqueólogo recolheu um fragmento de placa de xisto, uma conta discóide, também de xisto, e um trapézio, de sílex, espólio que, pela natureza, é comparável ao recolhido no conjunto de Lavajo II integrando-se, de igual modo, no Neolítico Final. De referir que um desses menires, foi identificado por M. V. Gomes com o exemplar hoje guardado no

Museu de Loulé, de aspecto sub-piramidal, com uma das faces repleta de “cavinhas”, como o menir n.º 2 de Lavajo I (Gomes, 1997, Fig. 15, B).

No centro do País, foi referenciado um outro alinhamento de pequenos monólitos, integrando o grande menir de Caparrosa, Viseu (Gomes e Monteiro, 1974/1977).

Os dois núcleos megalíticos em apreço, Lavajo I e II, relacionar-se-iam certamente entre si. Porém, não é possível caracterizar a natureza das actividades rituais ali realizadas entre os finais do IV milénio a.C. e os inícios do milénio seguinte (não repugna aceitar uma cronologia dos inícios do Calcolítico), até por constituírem conjunto (melhor, complexo megalítico) sem paralelo no território português.

A possibilidade de se tratar de marcos simbólicos na paisagem, relacionados com a posse/delimitação de terrenos agrícolas particularmente produtivos face à pobreza agrícola dos solos xistosos dominantes é de reter; tais terrenos, de facto, existem localmente, no barranco da Lapa, colmatado de solos onde a horticultura é possível graças à existência de um poço onde a água nunca seca, situado a menos de 100 m do conjunto de Lavajo II. “Os menires marcam efectivamente territórios e a sua visibilidade e impacto simbólico é uma componente indispensável do processo da sua construção” (Gonçalves, Balbín Behrmann e Bueno Ramírez, 1997, p. 250). Porém, a extensão desta evidência, aplicada pelos autores à região megalítica de Reguengos de Monsaraz, à região do Alto Algarve oriental, depara com as dificuldades de esta última ainda estar quase por explorar em tal domínio. Com efeito, na área em apreço, apenas se encontram registados ténues vestígios de povoamento coevo: é o caso da ocorrência de escassos dormentes e moventes de mós manuais, para além de um sepulcro megalítico cerca de 1,8 km para SSW do conjunto de Lavajo I, localizado por A. Gradim (Fig. 13). Assim sendo, resta ainda por esclarecer os motivos que estiveram na origem da monumentalização da paisagem, feita ainda no decurso do Neolítico Final, testemunhada pela construção deste complexo megalítico. Não existem, no entanto, dúvidas quanto ao estágio de desenvolvimento económico destas populações do Neolítico Final ou dos inícios do Calcolítico. Muito embora os testemunhos de povoamento sedentário sejam, por ora, quase desconhecidos na área adjacente, a presença, por um lado, da enxó de rocha anfibolítica, oriunda do Baixo Alentejo (Zona de Ossa/Morena) a par de outras peças, de origem ainda mais longínqua, como a fibrolite e, por outro, de artefactos de sílex, oriundos do barrocal algarvio ou da Andaluzia, mostra a interacção estabelecida com regiões dispares e afastadas, tendo em vista a obtenção de recursos essenciais à actividade quotidiana destas populações. Tal evidência é mais uma prova, a par de outras (tipologia dos artefactos e características comparadas da morfologia e da decoração dos megálitos), para situar este complexo megalítico numa época já tardia do fenómeno megalítico do sul peninsular do qual constitui, doravante, uma das suas expressões mais interessantes e significativas.

NOTAS

- ¹ Este trabalho foi redigido pelo primeiro signatário, que também foi o responsável pela direcção das escavações arqueológicas que estiveram na sua origem.
- ² Professor Associado com Agregação
Universidade Aberta
Rua da Escola Politécnica, 147
1200-100 Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, F. de; FERREIRA, O. da V. (1971) - Um monumento pré-histórico na Granja de S. Pedro (Idanha-a-Velha). *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970). 1, p. 163-168.
- AMO, M. del (1971) - Los grabados rupestres de "Los Aulagares" Zalamea la Real (Huelva). Barcelona: *Miscelánea Ampuritana, conmemorativa del XXV aniversario de los cursos internacionales de Prehistoria y Arqueología de Ampurias (1947-1971)*, p. 69-86.
- BAPTISTA, A. M. (1981) - *A Rocha F – 155 e a origem da arte do vale do Tejo*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (Monografias Arqueológicas 1).
- BAPTISTA, A. M.; MARTINS, M. M.; SERRÃO, E. da C. (1978) - Felskunst im Tejo-Tal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 19, p. 89-111.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN-BEHRMANN, R. (1992) - L'art mégalithique dans la Péninsule Ibérique. Une vue d'ensemble. *L'Anthropologie*. Paris. 96: 2-3, p. 499-572.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN-BEHRMANN, R. (1994) - *Estatuas-menhir y estelas antropomorfas en megalitos ibéricos. Una hipótesis de interpretación del espacio funerario*. Museo y Centro de Investigación de Altamira. Monografias. Altamira. 17, p. 337-347.
- BUENO, P.; BALBÍN, R. de; BARROSO, R.; ALCOLEA, J. J.; VILLA, R.; MORALEDA, A. (1999) - *El dólmen de Navalcán. El poblamiento megalítico en el Guadyerbas*. Toledo: Instituto Provincial de Investigaciones y Estudios Toledanos. Diputación Provincial de Toledo.
- CARDOSO, J. L. (1992) - A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 89-225.
- CARDOSO, J. L. (1995) - Símbolos sexuais do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 251-261.
- COELHO, J. (1912) - *A Prehistória e o seu ensino. Mamaltar do Vale de Fachas*. Famalicão: Typographia Minerva.
- COFFEY, G. (1977) - *New Grange and other incised tumuli in Ireland*. Poole: The Dolphin Press.
- FERREIRA, O. da V. (1953) - Os instrumentos de fibrolite do Museu dos Serviços Geológicos. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Porto. 37, p. 37-44.
- GOMES, M. V. (1990) - A rocha 49¹ de Fratel e os períodos estilizado-estático e estilizado-dinâmico da arte do vale do Tejo. *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical. 1, p. 151-177.
- GOMES, M. V. (1992) - Megalitismo do Barlavento Algarvio – breve síntese. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 147-190.
- GOMES, M. V. (1994) - Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico: trabalhos recentes e estado da questão. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 2, p. 317-342.
- GOMES, M. V. (1997) - O menir da Herdade das Vidigueiras (Reguengos de Monsaraz, Évora). Resultados dos trabalhos efectuados em 1988. *Cadernos de Cultura*. Reguengos de Monsaraz. 1, p. 17-37.
- GOMES, M. V. (2000) - Cromeleque do Xarez. A ordenação do caos. *Memórias de Odiana*. Beja. 2, p. 21-190.
- GOMES, M. V.; MONTEIRO, J. P. (1974/1977) - A estela-menir decorada da Caparrosa Beira Alta. Nota de descoberta. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 7-9, p. 89-93.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L.; JOAQUIM, A. N. (1992) - Testemunhos megalíticos de Afonso Vicente (Alcoutim). Notícia preliminar. *Almadan*. Almada. Série II, 1, p. 92-93.
- GOMES, R. V.; GOMES, R. V.; SANTOS, M. F. (1983) - O santuário exterior do Escoural. Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora). *Zephyrus*. Salamanca. 26, p. 287-307.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L.; CUNHA, A. S. (1994) - A sepultura de Castro Marim. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 80, p. 99-105.
- GONÇALVES, J. L. M. (1990/1992) - As grutas da serra de Montejunto (Cadaval). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 8-10, p. 41-201.
- GONÇALVES, J. L. M. (1982-1983) - Monumento pré-histórico da Praia das Maçãs (Sintra). Notícia preliminar. *Sintria*. Sintra, 1-2 (1), p. 29-57.
- GONÇALVES, J. P. (1972) - Arte rupestre de Monsaraz. *Arquivos do Centro Cultural Português (Fundação Calouste Gulbenkian)*. Paris. 5, p. 489-502.
- GONÇALVES, J. P. (1975) - Roteiro de alguns megalitos da região de Évora. *A Cidade de Évora*. Évora. 32 (58), p. 241-261.
- GONÇALVES, J. P. (1976) - Novos menires gravados no paraíso megalítico de Monsaraz. *Actas del V Congreso de Estudios Extremeños* (Badajoz, 1976), p. 43-48.
- GONÇALVES, V. S. (1978) - *A neolitização e o megalitismo da região de Alcobça*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.
- GONÇALVES, V. S. (1999) - *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.
- GONÇALVES, V. S.; BALBÍN-BEHRMANN, R.; BUENO-RAMÍREZ, P. (1997) - A estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz, Alentejo, Portugal). *Brigantium*. 10, p. 235-254.
- HENRIQUES, F.; CANINAS, J. C.; CHAMBINO, M. (1995) - Rochas com covinhas na região do alto Tejo português. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35: 4, p. 191-206.

- JALHAY, E.; PAÇO, A. do (1945) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 20, p. 55-141.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter. (Madrider Forschungen Band 1/2).
- MacWHITE, E. (1951) - *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispánica en la Edad del Bronce*. Madrid: Publicaciones del Seminario de Historia primitiva del Hombre (Dissertationes Matritenses II).
- MANUPELLA, G.; RAMALHO, M.; ANTUNES, M. T.; PAIS, J. (1987) - *Notícia Explicativa da Folha 53-B – Tavira*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- MONTEIRO, J. P. ; GOMES, M. V. (1977) – Os menires da Charneca do Vale Sobral (Nisa). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 87, p. 189-206.
- OBERMAIER, H. (1924) - *El dolmen de Soto (Trigueros; Huelva)*. Madrid: Fototipia de Hauser y Menet.
- PAÇO, A. do (1941) - As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 22, p. 45-84.
- PAÇO, A. do; ARTHUR, M. L. C. (1952) - Castro de Vila Nova de S. Pedro. 1 – 15^a. Campanha de escavações (1951). *Brotéria*. Lisboa. 54:3, p. 289-309.
- SANCHES, M. J. (1996) - *Ocupação pré-histórica do Nordeste de Portugal*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques (Serie Monografias y Estudios).
- SOBRINO BUHIGAS, R. (1935) - *Corpus Petroglyphorum Gallaeciae*. Compostellae: Seminario de Estudos Galegos.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1886) - *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*, 1. Lisboa: Imprensa Nacional.